

**FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**



TIAGO ANDRÉ MENDES ROÇA

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
SECUNDÁRIA INFANTA DONA MARIA COM A TURMA DO 7º A NO ANO
LETIVO 2012/2013**

COIMBRA

2013

TIAGO ANDRÉ MENDES ROÇA

N.º 2008021072

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
SECUNDÁRIA INFANTA DONA MARIA JUNTO DA TURMA DO 7.º A ANO
LETIVO DE 2012/2013**

Relatório de Estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Mestre Antero Abreu

COIMBRA

2013

Roça, T. (2013). *Relatório de Estágio Pedagógico Desenvolvido na Escola Secundária Infanta Dona Maria Junto da Turma do 7.º A. Ano Letivo de 2012/2013*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Tiago André Mendes Roça, aluno n.º 2008021072 MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto artigo 30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF (versão de 10 de Março de 2009).

9 De Junho De 2013

AGRADECIMENTOS

Esta é a circunstância que me permite agradecer e homenagear a todos os elementos que, direta ou indiretamente, me ofereceram suporte, motivação e ajuda neste processo anual, referente à etapa final do Mestrado, convergindo assim para a elaboração deste documento.

À minha família, pela oportunidade que me ofereceram, através do seu trabalho árduo e ajuda financeira, mas também pela educação prestada ao longo de toda a minha vida que me fizeram o que sou hoje.

Ao Professor João Gandum, deixo uma nota de apreço e grande respeito pelas imensas horas de dedicação ao grupo de estágio, ao tempo por ele perdido na transmissão dos seus conhecimentos e, em toda a bibliografia que nos disponibilizou sempre que necessário. Um obrigado também pelos seus conselhos e críticas que me fizeram crescer tanto como professor de Educação Física como indivíduo.

Ao professor Antero Abreu, pela disponibilidade manifestada ao longo do ano e, principalmente devido à sua análise minuciosa e críticas que me enviou ao longo do ano letivo. Um obrigado também por ser dos principais responsáveis por me ver a importância de transmitir entusiasmo enquanto professor e os impactos que isso teve no decorrer do Estágio Pedagógico.

À Diana, pela paciência demonstrada e por me motivar sempre que parecia deixar de acreditar em mim próprio e nas minhas próprias capacidades, remetendo-me sempre para o meu espírito de liderança e de superação.

Ao Ricardo, pelas inúmeras horas passadas a conversar, pela sua disponibilização constante, pela necessária distração do *stress* acumulado e pelas críticas e conselhos oferecidos que me permitiram.

À Anaísa, pela ajuda oferecida ao nível do planeamento, discussão de trabalhos e às suas palavras apaziguaram as minhas situações de frustração.

Aos meus amigos, que me proporcionaram momentos de lazer e despreocupação, lembrando-me das coisas boas que a vida tem.

Por fim, aos meus alunos, que foram peças fundamentais na minha primeira experiência profissional. A eles um obrigado por todos os momentos que me proporcionaram dentro e fora das aulas.

A todos os que mencionei, o maior dos obrigados e da consideração!

“Learning and teaching should not stand on opposite banks and just watch the river flow by; instead, they should embark together on a journey down the water. Through an active, reciprocal exchange, teaching can strengthen learning how to learn.”

Loris Malaguzzi (1993).

RESUMO

A formação de um indivíduo enquanto docente pressupõem um elevado nível de estudo, tanto a nível teórico como, efetivamente, a nível prático. Assim sendo, ambicionando alcançar o estatuto profissional de professor de Educação Física, emerge oportunamente a Unidade Curricular de Estágio Pedagógico, presente no plano de estudos do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, lecionado na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. Desta forma, através de um protocolo existente com a Escola Secundária Infanta Dona Maria, foi-me possível integrar o seu seio, ficando com a incumbência de orientar e lecionar a turma do 7.º A dessa mesma instituição. Este processo exigia não só a integração na escola com a turma em questão, mas também a assimilação das funções de assessoria a um cargo de gestão intermédia, bem como em projetos criados pelo departamento de expressões. Neste ambiente encontrei uma realidade diferente, os alunos chegam com um aporte de habilidades motoras muito abaixo do estipulado pelo Programa Nacional de Educação Física para o 3.º Ciclo, o que perfaz com que o professor não tenha apenas a função de lecionar a Educação Física, mas também de adaptar o currículo ao aluno, avaliando as suas condições sociais, éticas e motoras. Estas ações são tomadas sempre no sentido de manipular a heterogeneidade encontrada na turma, recorrendo aos mais variados estilos de ensino, enquanto se enquadra cada aluno com diferentes objetivos e ambiciona a aproximação ao que é estipulado pelo Programa Nacional. Durante o ano de estágio, acompanhámos modalidades desenvolvidas ao nível do Desporto Escolar e apresentámos propostas de nível extra curricular, mais concretamente o Projeto de Voleibol Inter Turmas do Ensino Básico e Secundário e o Acantonamento na Serra da Estrela. Foi também possível criarmos quinzenalmente uma aula de apoio para os alunos das nossas turmas com maiores dificuldades na matéria que estávamos a abordar. Todas estas atividades convergiram para um maior entrosamento da relação professor/aluno, promovendo a prática desportiva. Outro aspeto em destaque no documento é o aprofundamento da temática da inserção do Ensino Recíproco como Ensino Inclusivo.

Palavras-chave: Estágio. Formação. Professor. Aluno. Processo. Aprendizagem. Heterogeneidade. Homogeneidade. Planeamento. Recíproco.

ABSTRACT

The development of an individual while teaching requires a high level of study, both theoretical and practical. Thus, aspiring to achieve the professional status of professor of Physical Education emerges with pertinence the Teacher Training Course, present in the syllabus of the Master in Teaching Physical Education for Elementary and Secondary Education, taught by the Faculty of Sport Sciences and Physical Education at the University of Coimbra. Thus, through a protocol with the school Infanta Dona Maria, I was able to integrate its core, having the responsibility to guide and teach the 7.º A class of the same institution. This process required not only to integrate the school with the class in question, but also the assimilation of functions incidental to a middle management position, and projects created by the Department of Expressions. In this environment I found a different reality, students arrive with a contribution of motor skills well below those stipulated by the National Physical Education Program for 3rd Cycle, which makes that the teacher has not only the function of teaching Physical Education but also the one to adapt the curriculum to the student, assessing their social, ethical and motor behaviours. These actions are always taken in order to manipulate the heterogeneity found in the class, using different teaching styles. In this case, using a method of reciprocal teaching, as fits each student with different goals and ambitions approach to what is stipulated by the National Program. During the internship year, we followed procedures developed at the Sport School Program and presented proposals for an extracurricular level, namely the “Torneio Inter Turmas de Voleibol” of Elementary and Secondary Education and the “Acantonamento na Serra da Estrela”. It was also possible to create a class of biweekly support for the students in our classes, with greater difficulties in the matter that we were addressing. All these activities converged to a tighter coupling of the teacher / student relationship, promoting sports. Another aspect highlighted in the document is the issue of deepening integration as Reciprocal Teaching Inclusive Education.

Keywords: *Internship. Development. Teacher. Student. Process. Learning. Heterogeneity. Homogeneity. Planning. Reciprocal.*

Sumário

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
1. INTRODUÇÃO	11
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	13
2.1. Expetativas Iniciais	13
2.2. Objetivos de Aperfeiçoamento	15
2.3. Contextualização da Escola e dos Alunos	16
3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	17
3.1. Planeamento	20
3.1.1. Planeamento Anual	21
3.1.2. Unidades Didáticas.....	23
3.1.3. Plano de Aula	25
3.2. Realização	27
3.2.1. Instrução.....	28
3.2.2. Gestão.....	30
3.2.3. Clima/Disciplina	31
3.2.4. Decisões de Ajustamento	32
3.3. Avaliação	33
3.3.1. Avaliação Diagnóstica	34
3.3.2. Avaliação Formativa	35
3.3.3. Avaliação Sumativa	36
3.4. Componente Ético-Profissional	38
3.5. Justificação das Opções Tomadas	41
4. REFLEXÃO FINAL	43
4.1. Aprendizagens Realizadas	43
4.2. Compromisso com as Aprendizagens dos Alunos	44

4.3. Dificuldades e necessidades de Formação	44
4.3.1. Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução	44
4.3.2. Importância da Formação Contínua	45
4.4. Importância do Trabalho Individual ou de Grupo	46
4.5. Questões Dilemáticas	47
5. CONCLUSÕES	49
5.1. Impacto do Estágio na Moldagem Pessoal e Profissional na Realidade do Contexto Escolar	49
5.2. Prática Pedagógica Supervisionada	51
6. APROFUNDAMENTO DO TEMA – O ENSINO RECÍPROCO COMO PRÁTICA INCLUSIVA	53
6.1. Fundamentação Teórica	53
6.2. Justificação Temática	54
6.3. Problema	55
6.4. Objetivo	56
6.5. Observações	57
6.6. Reflexão	60
7. CONCLUSÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO	62
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
ANEXOS	65
1 – Plano de Aula	66
2 – Distribuição de Espaços	68
3 – Extensão e Sequenciação de Conteúdos	69
4 – Avaliação Diagnóstica.....	70
5 – Ficha de Observação.....	71
6 – Questionário	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

E/A: Ensino-Aprendizagem

EF: Educação Física

EP: Estágio Pedagógico

ESIDM: Escola Secundária Infanta Dona Maria

FB: *Feedback*

FCDEF-UC: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física

MEEFEBS: Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

NE: Núcleo de Estágio

PE: Professor Estagiário

PNEF: Plano Nacional de Educação Física

RE: Relatório de Estágio

UD: Unidade Didática

UD's: Unidades Didáticas

1. INTRODUÇÃO

O presente documento está incluído no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Pedagógico (EP), inserido no plano de estudos do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS), da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC).

Com a realização deste Relatório de Estágio (RE) pretendemos aprofundar os conhecimentos científicos nas ciências básicas da atividade física, desenvolvendo-os no contexto de uma formação educacional especializada, na didática específica da Educação Física e na gestão escolar, aplicando-os em situações de exercício profissional não familiares em que as capacidades de autoaprendizagem e de resolução de problemas se articulem com competências aprofundadas de pesquisa educacional. Desta forma irei exercer o contato com a prática profissional junto da turma do 7.º ano da turma A, da Escola Secundária Infanta Dona Maria.

Assim, ao longo do ano vamos estar presentes na lecionação de aulas aos alunos das turmas do professor orientador da escola, ficando responsáveis por três delas e apoiando as restantes. Cabe-nos assim criar um ambiente e situações que permitam aos alunos maximizar o desenvolvimento do processo de Ensino-Aprendizagem (E/A), através da criação do plano anual de atividades. Para isto tem de existir uma uniformização e discussão de planos de aulas, uma seleção de estratégias e estilos de ensino apropriados a cada matéria e a adequação do currículo à nossa turma. Desta forma começamos por explanar as atividades a que nos propusemos, numa sequência cronológica, relatando o trabalho desenvolvido ao longo de cada etapa. Seguindo imediatamente para as questões de caráter metodológico que adotamos, visando sempre a escolha dos melhores estilos de ensino e progressões pedagógicas para exponenciar o aproveitamento e crescimento da turma.

Ao longo do ano letivo apresentamos também algumas propostas de eventos a realizar, estando entre elas o apoio quinzenal a alunos com dificuldades, o Projeto de Acantonamento na Serra da Estrela e o Projeto do Torneio de voleibol.

Relativamente ao apoio quinzenal aos alunos, a ideia surgiu através da discussão com o nosso orientador, no sentido de ajudar os alunos com dificuldades

motoras acrescidas mas também, objetivando termos mais tempo de prática docente, corrigindo e melhorando a nossa *performance* enquanto profissionais de Educação Física. Diferente desta ideia, surgiram os dois projetos: o Acantonamento na Serra da Estrela e o Torneio de Voleibol. Aqui, visávamos prioritariamente responder à Unidade Curricular de Projetos e Parcerias Educativas, à qual deveríamos proceder à criação de dois eventos. Para que tal se concretizasse realizamos enquanto núcleo de estágio (NE) uma revisão bibliográfica acerca de cada atividade diferenciada, trabalhando em grupo e delegando tarefas de nível organizacional. Após a delegação de tarefas voltávamos a reunir, juntando o trabalho desenvolvido e finalizando cada projeto, objetivando apresentá-lo nas reuniões do grupo de Educação Física.

Visto estarmos a falar em reuniões do grupo de Educação Física é necessário realçar a contribuição que elas tiveram a nível da discussão das atividades a incluir no Plano Anual de Atividades na Escola, bem como a formação do plano anual de turma e a gestão das questões da rotatividade e utilização de espaços de prática desportiva. Foram também um local que nos permitiu partilhar ideias e ouvir críticas construtivas, melhorando assim as nossas ideias/projetos, convergindo para uma melhor prestação tanto na preparação das atividades, como no seu decorrer e relatório.

Abordaremos também neste documento o desenvolvimento de um tema de análise, designadamente “Ensino Recíproco como Ensino Inclusivo”, inserido no plano temático do Relatório de Estágio (RE). Logo, sempre que possível, iremos aplicar preferencialmente o Ensino Recíproco nas Unidades Didáticas (UD's) que forem passíveis de o executar, nunca descurando a escolha das melhores estratégias para otimizar o desenvolvimento dos alunos no processo de E/A. Esta escolha vai tentar assim comprovar que o Ensino Recíproco poderá melhorar a prestação dos alunos de ensino regular, em contraposição aos diversos estudos que apenas o certificam como importante no desenvolvimento de populações com Necessidades Educativas Especiais.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1. Expetativas Iniciais

“Internships are an excellent way to begin building those all-important connections that are invaluable in developing and maintaining a strong professional network for the future” (Loretto, P, 2007).

Ao entrarmos no meio escolar como professores estagiários e não como alunos, notamos desde logo uma diferença abismal na forma de olhar tudo o que nos rodeia. O espaço que antigamente servia para recreio e diversão, torna-se agora num local de trabalho sério, onde nos concentramos primordialmente em estabelecer uma boa prática relativamente ao processo de E/A.

Ainda antes de entrar no meio escolar, uma das nossas maiores preocupações deteve-se na escolha da escola a integrar, assim sendo demos maior destaque às condições que considerámos fundamentais: a qualidade de recursos da escola, de modo a que fossem dispostas todas as condições fundamentais a um bom leccionamento das aulas de Educação Física; o apoio recebido por parte do orientador, que se revelou fundamental durante o nosso crescimento enquanto Professores Estagiários e o bom desenvolvimento ao nível do planeamento e do decorrer das aulas. Vendo estas premissas a Escola Secundária Infanta Dona Maria, devido ao seu Estatuto e condições de prática foi a escolha mais acertada, permitindo-nos trabalhar num seio profissional organizado e competente nas mais diversas funções.

Inicialmente prendem-se também questões do nível profissional e ético, de participação na escola, de desenvolvimento e formação profissional e do desenvolvimento do E/A, onde nos questionávamos se o que teríamos aprendido ao longo da nossa formação seria o suficiente? Como poderíamos potenciar as aprendizagens dos nossos alunos? Como maximizaria as capacidades físicas e cognitivas dos alunos, promovendo um clima ético e favorável?

Questões como estas foram acrescentadas à medida que o início do EP estava a chegar, assim cada vez mais estávamos ansiosos por conhecer o nosso

Orientado da Escola e colegas com quem iríamos trabalhar no Departamento de Expressões, mais especificamente junto do grupo de Educação Física.

Neste ponto, tendo tantas perguntas, mas tão poucas respostas, esperávamos adquirir os métodos, conhecimento e experiência que nos permitissem ultrapassar estes “medos” iniciais, fazendo com que vingássemos enquanto bons profissionais de Educação Física (EF). Ao atingir este estatuto poderíamos assim ser capazes de liderar e integrar uma das turmas da Escola, maximizando o desenvolvimento individual de cada um, mas também o de grupo, utilizando sempre as estratégias mais eficazes para o melhor aproveitamento possível. Assim sendo, partindo do nosso próprio ser, em cada aula procurámos sempre proporcionar o melhor ambiente, facilitando a aprendizagem, dando ênfase à exercitação e ao máximo empenho motor por aula, objetivando o melhor sucesso a cada Unidade Didática.

Para que isso fosse possível, era necessário estar em constante atualização das melhores estratégias de ensino e dos melhores métodos para transmitir a informação, dominando claramente todas as componentes críticas de cada matéria a lecionar. Somente dominando estes fatores foi possível aumentar a qualidade das aulas e dos próprios *feedback (FB)*, convergindo assim para a maximização da evolução da turma e dos alunos.

Analisando todos estes aspetos, poderemos concluir que o nosso maior objetivo durante o EP foi o de evoluir o máximo possível a todos os níveis que nos foram permitidos, visando sempre a evolução do aluno como tarefa primordial à nossa ação dentro da Escola.

2.2. Objetivos de Aperfeiçoamento

- Retificar e planificar anualmente as atividades dos alunos;
- Identificar com maior rapidez a heterogeneidade da turma, agindo rapidamente sobre esta;
- Aumentar o meu nível de conhecimento das componentes críticas nas UD que tenho mais dificuldades;
- Concluir sempre o retorno do ciclo de *feedback*;
- Melhorar a capacidade de adaptar a situação aos alunos;
- Com a experiência conseguir introduzir o *feedback* no momento certo;
- Utilizar o *feedback* prioritariamente como reforço e como meio de instrução mais completa;
- Aumentar o meu reportório de exercícios, para criar rápidas decisões de ajustamento;
- Sempre que possível utilizar instrumentos que permitam ao aluno melhor entender o que é pretendido;
- Aproveitar a aula de avaliação diagnóstica como aula de introdução aos conteúdos lecionados.

2.3. Contextualização da Escola e dos Alunos

A Escola Secundária Infanta Dona Maria está muito bem localizada, numa zona com vários acessos e com infraestruturas desportivas adjacentes muito acima da média. Está situada na Rua Infanta Dona Maria, junto ao Jardim da Praça dos Heróis do Ultramar, tendo nas suas proximidades a Piscina Municipal, bem como o Estádio e Pavilhão Municipais.

Atualmente a Escola frequentada por aproximadamente 600 alunos no Ensino Diurno e cerca de 200 no Ensino Recorrente. É de registar que no Ensino Diurno, apenas 5% dos alunos provêm da área exterior à cidade.

Excluindo o quadro de alunos, a Escola possui 106 professores, dos quais 95 pertencem ao quadro da mesma; 2 Técnicos Superiores (assistente social e psicóloga); 1 Técnico Profissional e 10 Administrativos; 3 Cozinheiras; 1 Guarda Noturno e 25 Auxiliares de Ação Educativa. A ESIDM conta também com gabinetes de apoio específicos e especializados, facilitando a ajuda a alunos com Necessidades Educativas Especiais, e um vasto leque de atividades extra curriculares como: Projeto Saúde, Desporto Escolar, Olimpíadas, Clube de Teatro, Clube de Aventura e Turismo, Projeto de Bibliotecas Escolares e múltiplas atividades organizadas por cada departamento.

No 3.º Ciclo e Secundário, estão compreendidas 40 turmas, 12, do 3.º Ciclo e as restantes do Secundário. A minha turma em causa, o 7.º A, tem 23 alunos, dos quais 6 são do sexo feminino e 17 do sexo masculino e com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos.

3. DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O processo de E/A vai muito mais além do que uma obrigação de um professor em transmitir os conteúdos de uma Unidade Didática aos alunos, esta definição é demasiado diminuta para aquilo que o processo envolve. O processo E/A é bem mais que isso, visto que envolve um contexto familiar, onde famílias diferentes têm culturas e hábitos diferentes. Desta forma, cabe ao professor ter de interagir com as debilidades motoras criadas pelos pais, criando uma responsabilidade extra não só na preparação do aluno, como da sua formação enquanto pessoa ativa para a cidadania. Sendo assim, é muito importante ir transmitindo as informações do educando ao Encarregado de Educação, mantendo-o a par do seu desempenho.

O contexto da indisciplina é outro aspeto com que o profissional de Educação Física tem de saber lidar, criando métodos e tarefas que permitam otimizar o tempo de ativação motora, reduzindo os comportamentos desviantes ao máximo, com o intuito de criar um bom ambiente no espaço de aula.

Por último, outro tema também muito discutido é a motivação, uma vez que estudos mostram que o processo educacional é mais eficiente, quando a turma se encontra motivada e cooperante com as tarefas. O ato de “querer aprender” não é algo que o professor possa ensinar, é algo que ele tem que transmitir através das suas intervenções e fazer com que os alunos adquiram esse gosto.

“Elaborar projetos vem atender a essas necessidades, pois constitui um processo de concentração de inteligência, articulação de esforços e condições necessárias para garantir o enfrentar de desafios e a superação desejada de obstáculos específicos e claramente delineados, assim como o aproveitamento de oportunidades de desenvolvimento” (Luck, 2003)

Desta forma, durante o ano letivo, realizámos uma atividade pedagógica anual, designada de apoio extracurricular quinzenal e dois projetos: o Acantonamento na Serra da Estrela e o Torneio de Voleibol Inter Turmas.

No apoio quinzenal aos alunos, foram trabalhadas todas as Unidades Didáticas que estavam a decorrer, isto é, os alunos poderiam vir treinar somente as UD's que estávamos a lecionar. Aqui, foram desenvolvidas as nossas capacidades enquanto docentes e profissionais de EF, realizando um acompanhamento mais próximo dos alunos, uma vez que a quantidade de alunos presente era sempre reduzida. Desta forma foi possível observar mais de perto as necessidades de cada aluno, adequando o currículo e os objetivos às suas capacidades atuais, trabalhando individualmente com cada um no sentido de maximizar a evolução das suas capacidades e habilidades motoras.

Na realização do Torneio de Voleibol o carácter já era diferente, inicialmente porque partia de um processo de realização de um projeto formal a apresentar ao grupo de EF. Assim, foi necessário criarmos uma revisão bibliográfica sólida, adequando os objetivos às necessidades evidenciadas pelos alunos e à realidade de espaços existentes na escola. Foi também necessário orçamentar no âmbito da divulgação, visto que tudo o resto seria cedido pela escola. Ao acompanharmos o processo de divulgação verificamos a necessidade de interagir com órgãos de gestão mais elevados, tendo mesmo que falar com o Diretor da Escola para promovendo o nosso evento, com o intuito de ser emitido um parecer positivo para a afixação de cartazes e distribuição de *flyers* na Instituição.

Conhecido que o evento decorreria dentro da escola foi mais fácil controlarmos o seu ambiente, o programa da atividade e a organização dos alunos, que, apesar dos imprevistos, correu com o maior sucesso, deixando ainda tempo para atividades entre os intervalos dos jogos de carácter cultural: dança e música.

Por fim, surge o projeto de Acantonamento da Serra da Estrela, cujo objetivo principal foi o de promover a iniciação ao *ski*. O projeto deste evento decorreu com uma fluidez muito maior, visto que o nosso orientador nos forneceu bastante informação e revisão bibliográfica. Coube-nos apenas as funções de realizar o projeto, gerir o orçamento, visto que é uma atividade a realizar na Serra da Estrela e aporta com custos de deslocação, alimentação e transporte, e criar uma reunião de informação/divulgação com os Encarregados de Educação. É de referir que este evento destinou-se a todas as turmas do 3.º ciclo, tendo tido uma adesão de 50 alunos.

Este evento foi uma prática com a qual não estávamos acostumados, uma vez que o ambiente experienciado fora da escola em nada se compara àquele que encontramos nas instalações onde pernoitávamos. Aqui, valores como o sentido de responsabilidade e de liderança magnificam-se exponencialmente, tendo nós que liderar e ficar responsáveis tanto pelas atividades propostas no programa, como pelo cumprimento das mesmas por parte dos alunos. Desta forma criámos tarefas grupais, tanto de arrumação de quartos, preparação de refeições e limpeza da cozinha/sala de jantar, que permitissem que as atividades se realizassem o mais ordeiramente possível.

Nas atividades fora da instalação onde no instalámos, praticamos *ski* com os alunos, proporcionando-lhes uma vivência numa atividade nova para muitos desconhecida e com a qual verificámos um grau de satisfação extremamente elevado, comprovado posteriormente no inquérito que foi realizado após a atividade.

Em suma, toda a preparação, desenvolvimento e análise das atividades descritas, convergiu para a nossa melhor formação enquanto profissionais de EF.

3.1. Planeamento

“O Ensino da Educação Física constitui o elo decisivo na cadeia do processo global de formação e educação. Ensino não é simplesmente a transmissão e apropriação simples da matéria programática; é determinante para o desenvolvimento da personalidade dos alunos, dado que contém em si as bases para o seu comportamento moral, forja o seu pensamento, influencia enormemente a sua vontade, os seus sentimentos e atuação, e sua disponibilidade para o empenhamento nas tarefas do dia-a-dia.” Bento, J., *Planeamento e Avaliação em Educação Física*, página 39)

O planeamento do grupo de EF é extremamente importante, uma vez que vai incidir em aspetos de enorme importância para a formação e desenvolvimento do aluno. Deste modo, a forma como o professor ou grupo de professores vai formular o planeamento deve ser bem ponderado, adequado à realidade que enfrentam, tentando manter-se sempre na linha do PNEF para que se possa dar o melhor ensino possível durante o ciclo/ano aos alunos.

“É o processo de reflexão, racionalização, organização e coordenação da ação docente, que visa articular a atividade escolar e a problemática do contexto social” (Bossle, 2002, página 33).

Analisando assim este conceito, bem como a opinião dos diferentes autores, posso referir que durante a nossa prática e logo na primeira reunião com o Núcleo de Estágio (NE), nos foi proposto apresentar todas as planificações relativamente a planos de aula com uma semana de antecedência, objetivando discutir e encontrar as melhores estratégias de ensino que contribuíssem para a otimização do processo E/A. Contudo, esta primeira reunião serviu também para realçar, não só a importância dos planos de aula, mas também da definição dos critérios de avaliação e da realização do plano anual e UD's. Assim, o orientador propôs-nos imediatamente propostas e tarefas de criação de um plano anual e de definição de metas e estratégias de aplicação das UD's.

3.1.1. Planeamento Anual

“A exequibilidade do programa de EF depende da capacidade de mobilização do grupo de EF em torno dos objetivos da disciplina, desenvolvendo estratégias que possibilitem a sua consecução. O trabalho coletivo que o Departamento de EF produzir, traduzido nos compromissos que estabelecer dentro do próprio grupo, na escola e na comunidade, são a base do sucesso na aplicação destes programas” (PNEF secundário, 2001, página 20).

O plano anual evidencia-se desta forma como um documento capaz de aliar os objetivos ambiciosos do currículo com aquilo que é exequível face aos recursos e meios disponíveis, devendo estar sempre orientado para a concretização do melhor processo de E/A.

Este documento deve ser o mais rigoroso e exato possível, adaptado a cada turma e aos seus elementos constituintes. Para isso, no início de cada ano letivo deve ser levado a cabo uma rigorosa caracterização da turma, analisando os contextos sociais, familiares e motores de cada aluno em específico, atendendo às suas motivações.

“Estes programas foram elaborados na perspetiva de que a sua aplicação não será uma simples sequência de exercitação das ações indicadas em cada matéria, em blocos sucessivos, concentrando, em cada bloco, a abordagem de uma modalidade num número pré-determinado de aulas. (PNEF secundário, 2001, página 26)”

Tendo em conta todas estas definições e constatações, devemos também elucidar a forma como realizámos o nosso próprio plano anual. Assim, a principal questão que tivemos preocupação de averiguar foi a quantidade de documentos que teríamos de estudar antes de proceder à sua execução. Centramo-nos então imediatamente na leitura do Calendário Escolar, presente na Escola Secundária Infanta Dona Maria (ESIDM), no sentido de aferir o número de aulas que tivemos em cada período, procedendo à organização e distribuição das Unidades Didáticas pelo espaço temporal. De seguida, estudamos o Programa de Educação Física para o 3.º

ciclo, de modo a tirar relações sobre os objetivos e condicionalismos para cada ano de ensino, no nosso caso para o 7.º ano.

Outro alvo de estudo foi o Programa Prof2000, referente à planificação, onde teríamos de obedecer a um conjunto de normas e regras a incluir no nosso plano anual. Com o objetivo de facilitar a tarefa em causa, o nosso orientador da escola facultou-nos um documento exemplificativo de plano anual, que tinha presente o necessário para que pudéssemos executar um novo, seguindo as linhas orientadas no modelo.

Por fim, analisámos ainda o programa de rotação de espaços de prática desportiva, atribuído ao ano letivo de 2012/2013.

A nível de experiência pessoal, concluímos que o processo de realização de um plano anual é um trabalho que demora bastante tempo, uma vez que há que ler muita bibliografia, adequando-a à nossa turma e objetivos. Este processo torna-se assim trabalhoso, devido ao pormenor com que é indispensável descrever o conjunto de delimitações, projeções, objetivos, extensão e sequenciação de conteúdos, planificação de matérias/espaços disponíveis, recursos disponíveis e estratégias de ensino a abordar, tendo sempre em conta as características da turma e os melhores métodos de favorecimento do processo de E/A.

Contudo, por outro lado, após do término do mesmo ele tornou-se num documento muito útil e uma ferramenta indispensável ao acompanhamento do nosso dia-a-dia enquanto docentes de Educação Física. Este documento foi crucial, na medida em que rege toda a nossa atividade, ainda que possa sofrer alterações, e, facilita todo o processo de justificação e tomada de decisão do planeamento de aulas e inserção e dispersão dos conteúdos programáticos ao longo da Unidade Didática (UD).

Podemos desta forma concluir que a planificação do Plano Anual é uma premissa fundamental, sem o qual o profissional de EF se sentiria desorientado a nível espacial e de programa, que converge sem dúvida para a otimização do processo de E/A através de todos os detalhes incluídos no seu conteúdo. (como exemplo a extensão e sequenciação de conteúdos).

3.1.2. Unidades Didáticas

As Unidades Didáticas surgem como estratégia pedagógica para oferecer ao professor um meio de orientar a sua atividade, potenciando o seu trabalho, elevando a sua eficácia. É então uma base para a prática de ensino, podendo ser sujeita a modificações que visem um melhor e mais rápido alcance dos objetivos a que o docente se propôs a alcançar com determinada turma.

“As unidades didáticas são partes fundamentais do programa de uma disciplina, na medida que apresentam quer aos professores, quer aos alunos, etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem” (Bento,O. 1998).

Podemos assim concluir que as UD objetivam realçar todos os objetivos realizados anteriormente na realização do plano anual, fazendo as devidas adaptações no caso de cada turma, objetivando o melhor processo de E/A.

A UD remete-nos também como um documento de orientação, em que podemos planear e ajustar as aulas ao longo do período, preparando as melhores estratégias e estilos de ensino, organizando os conteúdos de sequência lógica e ordenada, realizando primordialmente as habilidades motoras mais simples, partindo posteriormente para as mais complexas.

Assim, após reunião do grupo de estágio, com o respetivo orientador, ficou assente que as nossas UD's, deveriam possuir estratégias e estilos de ensino, exercícios e progressões pedagógicas, uma extensão e sequenciação de conteúdos pormenorizada, espaço para a realização de avaliações diagnóstica, formativa e sumativa e também para balanços iniciais, intermédios e finais. Outro ponto essencial também para o bom funcionamento de uma UD é a comparação dos objetivos propostos no Programa Nacional de Educação Física para o ano, neste caso o 7.º, e os objetivos propostos para a turma/indivíduos em particular.

Tendo então todas as indicações necessárias para começar a realizar as UD's, surgiu o desafio e a liberdade de as criarmos, ajustando-as aos valores encontrados após realizarmos as avaliações diagnósticas. Para isto decidimos criar uma forma organizada e sequenciada de realizar a UD. Começamos por realizar uma ligeira introdução, onde pudéssemos explicar o que seria abordado ao longo

da UD, seguindo-se de uma ligeira descrição da história e regras da modalidade, que posteriormente seriam chave para transmitir informações aos alunos.

Outro ponto foi o fato de estudarmos e decidirmos em grupo quais as melhores estratégias e objetivos a serem moldados aos alunos, baseando-nos essencialmente na avaliação diagnóstica e fazendo constantes alterações aos objetivos e estilos de ensino durante a avaliação formativa. De seguida e fundamental para o nosso sucesso profissional, realizamos a extensão e sequenciação dos conteúdos, que, com o anterior estudo do plano anual e do programa de 3.º ciclo se revelou mais fácil de executar. Devo destacar que a distribuição das habilidades a ensinar pelo número de aulas foi crucial não só na organização das aulas, mas também na escolha de exercícios a aplicar em cada plano de aula, levando-nos a uma discussão pro ativa semanalmente sobre a melhor forma de beneficiar o processo de E/A.

Semelhante processo foi procedido comparativamente aos conteúdos técnicos, visto que, juntamente com a extensão e sequenciação de conteúdos, foram os principais conteúdos de discussão e que nos permitiram evoluir mais enquanto indivíduos críticos perante a bibliografia que nos era apresentada, tentando sempre estar o mais na vanguarda possível. Os conteúdos técnicos serviram também para selecionarmos alguns pontos-chave de cada habilidade, permitindo-nos criar um aporte de conhecimento, capaz de emitir FB com maior qualidade e, fundamentalmente, uma instrução com maior qualidade e mais concisa, uma vez que ao dominarmos os conteúdos a aula prossegue com melhor fluidez.

De seguida achamos interessante ter no nosso “bolso” algumas progressões pedagógicas, de modo a facilitar o processo de identificação de situações de ajustamento, agindo pronta e eficazmente para evitar que o aluno exercite o erro ou a habilidade que é incapaz de executar. Esta decisão no decorrer de cada UD foi-se tornando decisiva, já que nas nossas avaliações diagnósticas, existiam alunos que não cumpriam com os objetivos mínimos a apresentar no 7.º ano, necessitando inevitavelmente da criação de progressões pedagógicas que recuperassem essas debilidades motoras.

Finalizando as tomadas de decisão relativamente à UD fizemos também a adaptação das matérias aos recursos existentes, garantindo que todo o planeamento decorreria na normalidade e o processo E/A seria maximizado.

3.1.3. Plano de Aula

“Os professores que têm programas educacionais verdadeiramente consistentes gastam uma considerável porção do seu tempo sobre a leitura de livros e notas na medida em que, planificam aulas que respondam completamente às necessidades dos alunos” (Graham, G.).

“Os Planos de Aula não são nada mais do que um detalhe do plano de ensino para a prática da sala de aula” (Bossle, 2002, página 33)

O plano de aula é assim apresentado como um meio descritivo na sua maioria, podendo ser utilizada alguma simbologia ou grafismo para facilitar a sua compreensão, demonstrando-se um instrumento de trabalho de fácil acesso e consulta, que possa facilitar o processo de E/A. É alvo de estudo e ponderação por parte do professor, antes de o aplicar à sua turma, reduzindo as situações que possam criar desvios ao tempo de empenhamento motor e entraves ao processo de E/A.

A forma de apresentação do plano de aula foi discutido em reunião do NE, chegando à realização de um documento uniforme base, que nos permitia organizar a aula, face às componentes indicadas no plano de aula. Estas componentes residiam na hora, exercícios e sua explicação, componentes críticas e estilos/estratégias de ensino, guardando espaço para uma justificação da aula e um breve relatório da mesma.

Por último podemos então afirmar que o plano de aula é a ligação entre o planeamento e a realização, visto que é com a execução da linha cronológica do plano de aula que a ideia passa do papel para a realidade.

Segundo a nossa experiência enquanto estagiários o primeiro paço na preparação para a realização de planos de aula foi a fase de estudo, pesquisa, elaboração e discussão de ideias. Primordialmente, utilizamos os critérios de avaliação de cada modalidade, de modo a definir os objetivos da UD, criando assim uma extensão e sequenciação de conteúdos que nos permitisse servir como guia para a realização de um plano de aula eficiente. Ao seguir esta ordem de trabalhos surgiu a parte de leitura de bibliografia e observação de aulas, de modo a escolher e aplicar os melhores exercícios possíveis para aplicar como progressão às

habilidades fundamentais estipuladas no Programa Nacional de Educação Física (PNEF) do 3.º Ciclo.

De seguida, após a discussão do ponto anterior, averiguamos quais seriam as melhores estratégias e estilos de ensino a aplicar, consoante a UD e o carácter da aula, privilegiando ora o ensino por comando, tarefa, recíproco ou outro que melhor enquadrasse os objetivos da aula.

Mais uma vez, ainda em reunião do NE, criamos um conjunto de componentes críticas chave, que não fossem demasiado extensas para os alunos não captarem, nem demasiado insuficientes para que os alunos não entendessem o rigor e estrutura da modalidade. Assim, ficou acordado que daríamos instrução acerca de 2/3 componentes críticas, introduzindo as restantes como *feedback* coletivo à medida que o decorrer dos exercícios ia complexificando ou face ao objetivo da própria tarefa.

É de realçar também que logo nas primeiras observações que o nosso orientador da faculdade fez ao nosso NE, foi-nos sugerido e, posteriormente aceite a sua sugestão, de modificar o horário do plano de aula de minutos fictícios (de 0 a 45 ou 90), para o horário real em que a aula decorria.

Em torno de conclusão podemos afirmar que o plano de aula inicialmente consistiu num meio de consulta e orientação no decorrer das aulas, contudo, na parte média/final do estágio, servia somente de caráter organizativo e de planeamento, visto que a nossa experiência já nos permitia controlar a aula e recorrer a situações de ajustamento sem a consulta do plano de aula.

3.2. Realização

“As dimensões de Intervenção Pedagógica correspondem a um agrupamento e a uma arrumação de destrezas técnicas de ensino num sistema de classificação destinado a estudá-las analiticamente, sem contudo se perder a visão global da competência para ensinar” (Siedentop, 1998).

Após a análise da planificação, surge evidente e cronologicamente a questão da realização que, segundo Siedentop, 1998, “as quatro dimensões do processo ensino-aprendizagem estão sempre presentes”.

Dimensões que reconhecemos como a dimensão da instrução, de gestão, clima/disciplina e Decisões de ajustamento. Todas estas dimensões convergem para o bom decorrer da aula, podendo também servir como uma autoanálise, feita ao professor, no sentido de averiguar os pontos-chave da aula, os erros ou decisões de ajustamento que se tiveram de criar.

É assim uma ferramenta muito importante ao docente de Educação Física, visto que é outro dos métodos que pode beneficiar os alunos, através da introspeção própria do profissional de Educação Física no findar de cada aula, trazendo benefícios não imediatos mas de treino para situações futuras.

Em seguida iremos explanar as diferentes fases da realização, explicando a importância que tiveram no decorrer do nosso estágio pedagógico e na nossa formação enquanto aspirantes de exercer a profissão de professor de Educação Física.

3.2.1. Instrução

“A dimensão instrução tem por âmbito todos os comportamentos e destrezas técnicas de ensino que fazem parte do repertório do Professor para comunicar a informação substantiva” (Siedentop, 1998).

A instrução reside assim numa preleção coerente, clara e concisa, sobre o que se irá abordar, podendo esta ser realizada através de uma descrição, questionamento, *feedback* ou demonstração.

Esta vem trazer ao professor métodos de diminuição do tempo passado em explicações na aula, um acompanhamento prático do aluno através da emissão do FB, o apoio e controlo da turma e da individualidade de cada aluno, bem como a garantia da qualidade e pertinência da informação, fazendo com que o aluno interiorize os conhecimentos transmitidos pelo docente.

Assim sendo, deve ser usada na introdução de novas atividades ou transmissão de novos conhecimentos, na preparação dos alunos para procedimentos de cariz organizativo, no balanço final de cada matéria/conjunto de exercícios, para atividades de tomada de decisão ou sobre as informações da avaliação formativa.

Por último mas não menos importante, a Instrução deve ter em atenção a tipologia de FB, devendo sempre que emitido, verificar-se o acompanhamento e o efeito pretendido do FB, prescrevendo ou não um novo. Deve também melhorar a eficácia do ensino e do processo de E/A, através da observação e FB pertinentes para o uso do mesmo como motivação, prescrição ou prevenção de comportamentos desviantes por parte do aluno.

Na nossa realidade esta teoria demonstrou-se um pouco mais complicada, no âmbito em que inicialmente o tempo de instrução era demasiado elevado, recorrendo à enumeração de bastantes componentes críticas e à longa explicação de cada exercício. Assim, de forma a combater estas debilidades reunimo-nos com o nosso orientador da escola várias vezes e também com o orientador da faculdade sempre que este prestava uma visita/observação a uma das nossas aulas. Ficou assim definido, como já foi referido anteriormente, o uso de três componentes críticas chave na instrução, utilizando as restantes como forma de FB durante o

decorrer da aula/exercícios. Com isto, a instrução tornou-se mais curta e concisa, tendo os alunos percebendo melhor a informação, visto que era mais fácil de assimilar.

Outra opção também tomada por nós, enquanto NE, foi a utilização de estilos de ensino que priorizassem transições fluídas entre os exercícios, reservando menos tempo para a instrução e mais tempo para a exercitação, visto que é através desta que o aluno aprende e aprimora o processo de E/A.

Relativamente aos FB, no início do ano a frequência com que emitíamos os mesmos era mais reduzida, não verificando muitas vezes o término do ciclo destes. Porém, com o passar do tempo e do domínio da turma os FB começaram a aumentar tanto em número como em qualidade, tendo sempre o cuidado de fechar o seu ciclo de aprendizagem.

Uma vez que é referida a questão dos FB, devemos esclarecer que durante as aulas foram utilizados maioritariamente os descritivos, prescritivos, corretivo e essencialmente positivos, recorrendo também aos quinestésicos a nível da organização e orientação dos alunos. No final da aula ou na revisão de qualquer componente crítica, utilizávamos recorrentemente o tipo interrogativo, guiando os alunos através de uma descoberta guiada a atingir a resposta correta.

Em suma, a preleção inicial foi otimizada através da instrução através da utilização dos exercícios de mobilização articular, aproveitando o momento para instruir a atividade seguinte e a condução da aula por sua vez foi automaticamente otimizada visto que a turma sentia mais a presença do professor (também devido à forma como nos colocávamos na aula e da nossa projeção de voz), convergindo para evitar os comportamentos desviantes que muitas das vezes são o grande problema das aulas em grupo, nomeadamente as de Educação Física (EF).

Com o decorrer do ano letivo, fomos também aplicando sempre as indicações oferecidas pelos nossos orientadores e pelas reuniões de NE, aperfeiçoando a nossa prática e ganhando cada vez mais experiência. Experiência que nos permitiu, com o findar do terceiro período automatizar as questões de instrução e transição entre exercícios, criando exercícios rotineiros e familiares aos alunos, ganhando tempo para a aplicação das tarefas propostas por nós. Este método permitiu sem margem para dúvidas, criar um melhor ambiente entre aluno/professor, a questão mais importante que temos enquanto docentes que diz respeito ao processo de E/A.

3.2.2. Gestão

“A gestão eficaz de uma aula consiste num comportamento do Professor que produza elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades da aula, um número reduzido de comportamentos dos alunos que interfiram com o trabalho do Professor, ou de outros alunos, e um uso eficaz do tempo de aula” (Siedentop 1998).

As tarefas de gestão durante o decorrer de um aula de EF visam controlar o clima emocional, a gestão do comportamento dos alunos e a gestão das situações de aprendizagem.

Para que a gestão da aula corra como planeado, o professor deve diminuir o tempo gasto em instrução, reduzir o tempo médio de transições entre os exercícios, definir rotinas específicas, manter o ritmo e entusiasmo da aula e prever e evitar comportamentos desviantes. Todas estas ações são também facilitadas se o professor controlar a atividade inicial, começando a aula a horas e introduzir elevados níveis de FB e, principalmente, criar ou definir sinais de correção/reunião, que permitam que os alunos cheguem perto do professor o mais rapidamente possível.

No nosso caso, desde a primeira aula que abolimos o uso do apito, apelando assim à sua concentração visual e ao meu posicionamento na sala de aula. Para isto foi criado um sinal de contagem decrescente gestual que obrigava os alunos a reunir-se rapidamente à frente do professor, sob pena de realização de flexões/abdominais caso não cumprissem com as regras. Optamos também por ter sempre uma voz projetante por todo o espaço de aula e criar um clima de respeito, mas também de motivação com o decorrer da aula.

Outra das técnicas que foram utilizadas foi a transição da informação ao mesmo tempo que executava a mobilização articular, poupando tempo no próximo exercício e criando transições entre estes mais fluídas.

Devido ao meu tema de estágio, o Ensino Recíproco como Ensino Inclusivo, optamos por criar sempre que possível grupos de trabalho em pares, ainda que não utilizasse esse estilo de ensino, promovendo assim a interação entre todos e a boa gestão do espaço e materiais disponíveis. Ainda assim, por diversas situações necessitamos de dividir a turma em grupos de nível, de modo a maximizar as suas

aprendizagens que apresentavam padrões inferiores aos pretendidos pelo PNEF do 3.º ciclo.

Por fim e como meio de otimização ainda maior do tempo de aula, gerimos sempre os materiais a utilizar, consoante o espaço de aula que tínhamos disponível, otimizando o tempo de aula na medida em que os alunos acediam com maior facilidade e rapidez aos materiais com os quais iriam trabalhar no decorrer da aula.

3.2.3. Clima/Disciplina

“A dimensão Clima engloba os aspetos da intervenção pedagógica que se relacionam com as interações pessoais, as relações humanas e o ambiente” (Siedentop, 1998).

“Pela natureza dos elementos que a compõem, esta dimensão, provoca com alguma frequência, a crítica à sua subjetividade ou a simples recusa da sua treinabilidade dado que muitos a consideram fortemente dependente do domínio afetivo e do temperamento do docente” (Siedentop, 1998).

Esta dimensão é aquela que engloba aspetos de intervenção pedagógica relacionados com interações pessoais, relações humanas e o meio ambiente.

Devemos dar ênfase a esta dimensão, visto que foi aquela inicialmente aconselhada em NE a dominar e, também a que demos mais prioridade. Logo nas primeiras aulas, seguintes à de apresentação, optamos por criar, pouco a pouco, um número de regras que nos permitissem controlar a turma, seja através de instrução, ou de atividade física, tendo em conta que primeiro era emitido um aviso ao aluno e somente atuávamos perante uma reincidência. Com esta intervenção, íamos dando FB positivos ou negativos, fazendo transparecer aos alunos os comportamentos que seriam ou não aceites no decorrer do ano letivo. Pensamos que só num ambiente controlado, de mútuo respeito e de cumprimento de regras fundamentais é possível maximizar o processo de E/A, tornando-o o mais eficiente possível ao longo das diversas UD.

Outro assunto que incutimos desde início, e que posteriormente será também alvo de aprofundamento neste relatório de estágio (RE), é o conceito de ensino recíproco. Remetemos aqui este tipo de ensino, visto que com ele objetivava desde

logo promover, organizar e estabelecer a cooperação entre os alunos, permitindo que estivessem em tarefa o máximo tempo possível, concentrados nos erros dos outros ou, até mesmo deles próprios, melhorando o processo de E/A.

Por fim, remetendo-nos à comunicação, esta foi sempre clara, captando a atenção dos alunos através das diferentes estratégias anteriormente mencionadas. Por vezes foi-se ajustando a linguagem específica da modalidade a uma linguagem mais acessível ao aluno, nunca descorando a utilização das palavras técnicas, como forma de aprendizagem teórica dos alunos.

3.2.4. Decisões de Ajustamento

Fazendo referência às decisões de ajustamento, que não são mais do que alterações ao plano de aula, que promovam o processo de E/A ou que sejam necessárias face a algum imprevisto encontrado, tal como o espaço de aula ou as dificuldades de algum aluno/turma, devo dizer que apesar de inicialmente ter alguma dificuldade não na sua implementação, mas na deteção de que era necessário utilizá-las, esta dimensão foi ficando facilitada à medida que eu ficava mais conhecedor da turma, bem como das componentes críticas das matérias.

Um fator preponderante para a eficiência neste aspeto, foi a facilitação pelo nosso Orientador, o professor João Gandum, de um enorme leque de exercícios, que podíamos visualizar ao observar as suas aulas.

Com o passar do ano, fui crescendo e interiorizado que o plano de aula não passa disso mesmo, um plano, que deve ser alterado sempre que necessário para otimizar o processo de E/A do aluno. Este conceito faz sentido se observarmos a heterogeneidade da turma, assim, o plano de aula vale o que vale, visto que há que fazer adaptações individuais a cada aluno, objetivando unir a turma, homogeneamente, podendo sim, incluir no plano de aula já essas possíveis alterações ou leque de exercícios que um professor de Educação Física que se prese deve ter sempre consigo no caso de ocorrer algum imprevisto.

O ano que passei na Escola Infanta Dona Maria como estagiário fez-me ver, principalmente neste ponto, que um professor está em aprendizagem contínua, querendo sempre estar nutrido da melhor informação possível para transmitir os melhores conhecimentos aos seus alunos.

3.3. Avaliação

“O Professor é o responsável pelo que se passa na aula e, em princípio, pelas decisões a tomar, pois especifica e operacionaliza os objetivos, programa as atividades, escolhe, identifica e define as tarefas que os seus alunos deverão realizar, opta pela adoção das disposições materiais para a prática, conduz a ação na aula, define e realiza a avaliação dos alunos” (Piéron, M. 1996).

Assentando nesta citação, podemos complementar que a avaliação rege-se essencialmente segundo 3 premissas: a regulação dos processos de E/A, a função de certificação como validação de competências e, por fim a reorientação dos processos, favorecendo a evolução individual do aluno.

A adaptação do currículo ao aluno, oferecendo diferentes objetivos a alunos dentro de uma mesma turma, é uma das características principais da avaliação, uma vez que se está a comparar os objetivos do aluno, com aqueles que são exigidos pelo PNEF.

Desta forma, o primeiro processo, o de regulação, permite ao professor verificar o nível inicial dos alunos, acompanhar o seu desempenho e valorar o seu desempenho no final do ano letivo. O segundo, de certificação, permite ao professor atribuir uma nota, face aos objetivos do PNEF para esse ano de escolaridade, certificando o aluno face aos mesmos. O terceiro, serve como a adaptação dos objetivos ao aluno, favorecendo o seu desenvolvimento pessoal através de metas alcançáveis.

“A avaliação decorre dos objetivos de ciclo e de ano. Considera-se que o reconhecimento do sucesso é representado pelo domínio de um conjunto de competências que decorrem dos objetivos gerais. O grau de sucesso ou desenvolvimento do aluno no curso da Educação Física corresponde à qualidade revelada na interpretação prática dessas competências nas situações características” (PNEF secundário, 2001, página 34).

No caso no do nosso NE, foi definida em reunião com o orientador da escola uma ficha uniformizada de avaliação diagnóstica, permitindo a uniformização de todos os critérios de avaliação e das habilidades motoras a ter em conta.

Foi tomada a iniciativa também de classificar os alunos como executantes (E) ou não executantes (NE), planificando a partir desta tabela a UD e os exercícios de recuperação/melhoramento de cada aluno da turma, identificando os seus pontos fortes e debilidades.

Partindo de uma análise pormenorizada da avaliação diagnóstica é que é possível criar estratégias e métodos de ensino que permitam adaptar o currículo aos alunos, objetivando o progresso do processo E/A.

3.3.1. Avaliação Diagnóstica

“A avaliação diagnóstica pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar as dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes” (Ribeiro, L. 1999).

É a modalidade de avaliação que averigua os conhecimentos já adquiridos pelos alunos e se estes possuem os conhecimentos e aptidões para poderem iniciar novas aprendizagens. Permite identificar problemas, no início de novas aprendizagens, servindo de base para decisões posteriores, através de uma adequação do ensino às características dos alunos. Verifica se o aluno possui as aprendizagens anteriores necessárias para que novas aprendizagens tenham lugar e também se os alunos já têm conhecimentos da matéria que o professor vai ensinar, isto é, que aprendizagens das que se pretendem iniciar já são dominadas pelos alunos.

No caso da ESIDM e em reunião de NE, ficou decidido realizar primeiro todas as avaliações diagnósticas antes de abordar uma UD em específico. Assim sendo, as primeiras aulas foram exclusivamente. Contudo, também seguindo a orientação do professor João Gandum, ao mesmo tempo que realizávamos avaliação diagnóstica, introduzíamos já uma aula de iniciação à atividade em causa.

O objetivo destas aulas iniciais era essencialmente verificar o ponto de partida dos alunos nas diversas modalidades, podendo planear e escolher as melhores

estratégias atempadamente, para planear o resto do ano letivo. Assim, através da leitura da grelha de avaliação diagnóstica, também realizada em reunião com o NE, foi-nos possível averiguar o número médio de aulas necessários para que cada turma em específico concluísse as UD.

3.3.2. Avaliação Formativa

“A avaliação formativa pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução” (Ribeiro, L. 1999).

A avaliação formativa é a componente indispensável da prática pedagógica. As suas múltiplas funções orientam e regulam o processo E/A no âmbito da aprendizagem significativa. Para o aluno, a função desta conceção de avaliação é a criação de taxonomias, para que compreenda o seu próprio progresso e o funcionamento de suas capacidades cognitivas na resolução de problemas. Para o professor, a avaliação formativa orienta e regula a prática pedagógica, uma vez que se propõe analisar e identificar a adequação de ensino com as aprendizagens reais dos alunos.

“A avaliação formativa é um processo bidirecional entre professor e aluno para aprimorar, regular e orientar a aprendizagem” (Cowie & Bell).

Esta afirmação remete-nos para o carácter contínuo da avaliação formativa, desta forma é necessário estar em constante adaptação de objetivos, estímulos e estratégias que beneficiem o processo de E/A do aluno. Em conversa com o professor João Gandum, criei então uma tabela de avaliação formativa, onde registaria entre aulas, os problemas e progressões dos alunos durante a UD, criando assim objetivos diferenciados para uma turma heterogénea.

A nível pessoal pensamos que a avaliação formativa é das mais importantes, visto que permite adaptar o currículo ao aluno, adequando os objetivos e as estratégias a cada caso em específico. Foi uma forma que tivemos de acompanhar e recuperar cada aluno, ambicionando a melhor progressão tanto da turma como do aluno.

Ao adaptar as aulas aos alunos, sentimos a necessidade de alterar o plano anual e alguns dos objetivos previamente estabelecidos, atualizando constantemente este parâmetro à medida que os alunos atingiam uma taxonomia de objetivos.

Com o objetivo de maximizar a aprendizagem dos alunos, realizámos um acompanhamento individual e coletivo, através da avaliação formativa durante todas as aulas. Com isto é possível atender a todas as necessidades dos alunos, oferecendo-lhes progressões pedagógicas e condições de prática que lhes permitam ultrapassar as suas maiores dificuldades e realizar os objetivos propostos.

Para finalizar, um outro método que aplicamos durante todas as aulas foi o *brainstorming* de final de aula, onde em conversa com os alunos inquiríamos quais tinham sido as suas maiores dificuldades e facilidades, no sentido de retificar o planeamento das aulas seguintes.

3.3.3. Avaliação Sumativa

“A avaliação sumativa pretende ajuizar do progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino” (Ribeiro, L. 1999).

Este tipo de avaliação tem como principal objetivo verificar o progresso realizado pelo aluno no final da unidade didática, no sentido de aferir resultados já recolhidos por avaliações de tipo diagnóstico e formativo e, para o professor, obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino. É após a realização desta avaliação que o professor analisa se os objetivos inicialmente propostos foram, ou não, cumpridos. É também um ponto de partida para a aquisição de um maior desempenho do professor, na medida em que se este fizer uma reflexão crítica, poderá ver o que de melhor ou de pior e verificou no processo E/A. A avaliação sumativa corresponde à fase de balanço final, a uma visão conjunto relativamente a um todo, ou seja, tem como finalidade classificar os alunos no final da UD.

Este tipo de avaliação é utilizado no final de um período ou no término de uma UD, enfatizando os resultados da aprendizagem relativamente aos objetivos. No que

diz respeito ao tipo de informação que a avaliação nos transmite podemos dizer que é uma informação geralmente global do trabalho do aluno visando uma classificação ou nota, de caráter classificativo, entre 1 e 5 valores. Relativamente ao tipo de avaliação esta será feita em termos das componentes críticas, visando a verificação das aquisições em relação aos critérios previamente colocados.

Tendo em conta estas aferições e citações, aplicamos a avaliação sumativa no final de cada UD e de cada período, fazendo o balanço entre a prestação dos alunos nas referentes UD's. A classificação que usamos foi de 1 a 5, sendo que 1 é o nível mais baixo e 5 o mais alto, realizando sempre a média aritmética por uma folha de *Excell* disponibilizada pelo nosso orientador. Folha esta discutida em NE e uniformizada para todos os estagiários.

Na avaliação sumativa tivemos alguma liberdade para aferir as notas aos alunos, visto que fomos nós que participamos mais ativamente no seu processo de E/A, sendo posteriormente discutidas em reunião de NE com o orientador da escola. Deste modo o orientador fazia-nos algumas correções e alertava-nos para algumas situações que por vezes nos escapavam, nomeadamente nas situações de atitudes e valores.

3.4. Componente Ético-Profissional

“Toda a fase de formação profissional deve incluir a reflexão, mesmo antes do início dos estágios pedagógicos. Ao completar a formação num nível superior, a pessoa faz uma promessa, que significa sua adesão e comprometimento com a categoria profissional onde formalmente ingressa. Isto caracteriza o especto moral da chamada Ética Profissional, adesão voluntária a um conjunto de regras estabelecidas como sendo as mais adequadas para o seu exercício” (Glock, R. & Goldim, J. 2003).

A componente que trata da ética profissional de qualquer professor, é algo que orienta o seu desempenho na escola e, conseqüentemente no processo de E/A. Assim, é uma parte extremamente importante do desenvolvimento de qualquer professor, ainda mais de um que está a dar os primeiros passos no ensino, necessitando de criar bons hábitos de trabalho e de responsabilidade.

No desenvolvimento deste tema torna-se necessário falar sobre a vertente dos conhecimentos gerais e específicos, visto ter sido algo com que nos preocupamos bastante desde início. Para que pudessemos fazer uma intervenção de qualidade em toda a extensão do processo de E/A era necessário possuir conhecimentos sobre todas as funções do professor, além daquelas que não se aplicam única e exclusivamente ao professor e que se trata de saber viver em sociedade.

Como qualquer professor de EF a iniciar o seu ciclo de ensino, existiram algumas matérias às quais não dominávamos os conteúdos por inteiro, tendo desta forma de seguir uma pesquisa com o intuito de nos preparar o melhor possível para a abordagem aos alunos da respetiva UD. Assim, para poder potenciar as nossas qualidades enquanto professores, tivemos de erradicar os pontos menos fortes das nossas atuações, estudando e dominando os conteúdos com os quais nos demonstramos menos à vontade. Quanto à vertente de carácter social, foi bastante importante para nós, através de todo um contacto efetuado com todos os intervenientes da escola, desde funcionários de ação educativa até ao próprio diretor da ESIDM.

Dos professores com os quais tivemos mais contacto e aprendemos mais, para além como é óbvio do professor orientador João Gandum, há que destacar o Diretor de Turma do 7.º A, Fernando Caldeira, que, para além de ser uma pessoa bastante disponível e recetível, sempre discutiu e esteve aberto às nossas ideias e à melhor forma de as apresentar, ensinando como é realizado um trabalho de grupo eficiente.

Analogamente à nossa autoformação há também que evidenciar o trabalho que foi feito pelo NE durante todo o ano letivo, discutindo planos de aula, UD, projetos, atividades, exercícios etc. Sem a ajuda do núcleo de estágio seria muito mais difícil alcançar os níveis de recolha de informação e de autoformação, recolhendo os frutos desejados através do estudo da melhor aplicação do conhecimento que pouco a pouco fomos obtendo cada vez mais.

Devo também acrescentar que sempre que possível demos ajuda em atividades referentes à escola, ainda que não fizesse parte das obrigações enquanto estagiários. Como exemplos disso estão os eventos de desporto escolar em que participámos, atividades extra curriculares com a turma e lecionação de aulas extra a alunos com dificuldades em determinadas matérias ou habilidades motoras.

Um aspeto que também é importante referenciar é o fato de se ter comparecido a todas as aulas dos estagiários e do professor, não nos limitando apenas a cumprir com o que estava estabelecido no guia de estágio. Desta forma foi possível aumentar o leque de exercícios para as mais diversificadas matérias, evitar erros e, essencialmente, melhorar a competência enquanto professores.

Todas as aulas eram acompanhadas de um registo individual de cada aluno, para o caso de ele faltar a algum momento de avaliação. Caso isso acontecesse, poderia ser encontrada outra data para a avaliação ou, realizá-la através dos registos que tínhamos de aulas posteriores. Contudo, houve uma exceção a este caso, em que uma das alunas por lesão não pode realizar EF durante uma UD inteira, tendo realizado um trabalho sobre a modalidade que foi avaliado e substituído pela prática da atividade física referente a essa UD.

Após o findar da unidade curricular de Organização e Gestão Escolar, referente ao primeiro semestre do ciclo de estudos do MEEFBS, continuamos a apoiar o diretor de turma e a estar presente em todas as reuniões de departamento, bem como de turma.

Comparativamente ao núcleo de estágio existiram inicialmente algumas dificuldades com o trabalho em grupo, dado as nossas semelhantes personalidades, estarmos mais confortáveis a trabalhar individualmente. Contudo, com o esforço e dedicação necessários ao bom funcionamento do NE essas ameaças ao sucesso foram ultrapassadas. Tirando esse fator à parte, o NE sempre foi excelente no desenvolvimento do seu trabalho, nunca falhando em nada e garantindo o apoio e suporte necessário para o bom funcionamento das atividades e das aulas.

Quanto à capacidade de iniciativa e responsabilidade, esta é uma característica com a qual me identifico muito, uma vez que gosto de assumir um espírito de liderança e fazer com que as pessoas sigam as minhas ideias e propostas, não tendo medo de errar, mas mais importante que isso, saber assumir o erro e continuar a trabalhar noutras iniciativas. Um bom exemplo disso foi a conquista do Campeonato Nacional Universitário de Basquetebol, no qual foi necessário incutir bastante esforço e dedicação, liderando a equipa até à vitória final.

Remetendo o assunto de novo ao ambiente escolar, participei sempre em todas as atividades propostas, tendo também sugerido algumas como a continuação das aulas de apoio, o ênfase e participação no desporto escolar e as atividades/projetos extra escolares.

No que diz respeito às práticas pedagógicas, na dimensão planeamento, fui sempre ativo, procurando novas fontes de ensino, novos exercícios, discutindo com os meus colegas e orientador, aceitando as suas opiniões e adequando as minhas de modo a transmitir aos meus alunos o melhor processo de E/A; relativamente à dimensão realização estive sempre atento, através da observação das aulas do meu orientador, às melhores estratégias face a determinada UD, que me permitissem ser o mais eficaz e eficiente possível. Quanto à inovação enquanto NE, realizamos os Projetos e Parcerias Educativos que nos eram obrigatórios, tendo realizado e participado em pelo menos outras duas atividades, sendo elas a Descida do Rio Mondego e o Acampamento em Penacova.

Desde o início até ao momento que estou a escrever este documento procurei ser sempre um exemplo para os alunos, pois entendo que o professor deve ser sempre o exemplo daquilo que pretende para a sua turma, tendo o cuidado de quando não sabia demonstrar, não cair no erro de o fazer, mas pedir a um aluno capaz do mesmo. Caso não fosse possível, realizava apenas a instrução.

3.5. Justificação das Opções Tomadas

Seguindo esta temática cronologicamente, iniciando assim pela primeira tarefa enquanto estagiário, foi-nos sugerido procurar bibliografia, de modo a construir critérios de avaliação a observar nas avaliações diagnósticas. Esta tarefa foi realizada numa primeira fase individualmente e, posteriormente, em reunião com o NE. Na reunião o professor, juntamente com os estagiários, emitiu as suas opiniões, ouviu as nossas e, em conjunto, chegamos a um consenso e realizámos uma folha de texto com os critérios a observar em cada UD.

Visto isto, foi-nos incumbida a tarefa de realizar um Plano Anual, tarefa que cada um dos estagiários realizou individualmente, adequando as condições de prática à sua turma e à rotação de espaços do grupo de Educação Física. Neste assunto não nos foi possível ter qualquer iniciativa face às matérias/espaços a abordar e utilizar, visto que tudo já estava previamente definido e não passível de alterar uma vez que estava instaurado dessa forma na estrutura escolar.

Tendo terminado a criação do Plano anual, fico definido que todas as semanas se iriam discutir os planos de aula da semana seguinte, tendo inicialmente sido optado por dar uma matéria isoladamente e, posteriormente, devido também à questão de espaços, as matérias passaram a ser dadas paralelamente, tendo algumas ficado por realizar a avaliação sumativa, devido à falta de espaços disponíveis.

De seguida deu-se início à criação das UD, também de carácter individual e adaptado a cada turma, permitindo que fôssemos conhecendo as componentes críticas da modalidade e um diverso conjunto de exercícios para a mesma antes de as lecionar.

Ao longo do ano, os planos de aula foram sofrendo algumas reestruturações, sendo mais concisos e pequenos, facilitando a consulta, transições entre parte inicial, fundamental e final da aula e a inclusão de decisões de ajustamento. Esta mesma adaptação permitiu que conseguisse dividir a turma em grupos de nível, concorrendo para a maior homogeneidade da turma, recuperando assim os alunos que traziam mais dificuldades motoras.

Relativamente às estratégias e estilos de ensino, cada estagiário tinha liberdade para adotar o método que achasse mais efetivo, tendo eu optado sempre

que possível o ensino recíproco e também o questionamento. O ensino recíproco porque obriga o aluno a estar mais focado na tarefa, em si e no companheiro. O questionamento porque me permitia averiguar se os alunos tinham interiorizado as informações que constantemente lhes ia passando.

Relativamente à instrução, com o passar do tempo e o maior conhecimento da turma, fui dando cada vez uma instrução mais rápida e concisa, criando automatismos nos alunos que me permitissem oferecer-lhes mais tempo de empenho motor. A nível de FB, no início tinha algumas dificuldades em emitir e verificar o seu ciclo, contudo, à medida que o ano decorria, fui ficando mais atento a esse pormenor, pedindo ao aluno para repetir a habilidade motora após o meu FB, verificando o fecho do ciclo de aprendizagem e emitindo novo FB ou remetendo-o para uma habilidade mais complexa.

No tópico da gestão, desde sempre foi fácil criar transições fáceis e gerir o tempo dos exercícios, muito se deve em parte à análise atempada que era feita aos planos de aula, fazendo alterações sempre que existiam problemas de qualquer tipo. Deste modo ao dar a aula, já a tínhamos estudado pelo menos duas vezes.

O clima/disciplina, como já referi anteriormente, foi uma das principais preocupações que tive ao longo do ano, pois na minha opinião uma turma disciplinada tem melhores resultados do que uma que tem imensos comportamentos desviantes. Assim, desde cedo criei regras e sinais visuais que me permitissem chamar os alunos, sem ter que recorrer à voz. Utilizando a mesma para dar FB e fazer sentir a minha presença e posição na aula.

No que toca às avaliações, elas eram sempre apresentadas ao orientador antes de divulgadas aos alunos ou ao diretor de turma, seguindo sempre as grelhas que tínhamos estabelecido no início do ano em reunião. Deste modo existia sempre um ponto de partida e chegada, no qual era possível inserir o desempenho dos alunos.

4. REFLEXÃO FINAL

4.1. Aprendizagens Realizadas

“Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”
(Godatti, M. 1988).

Ao ensinar, obrigatoriamente estamos a transmitir conhecimento, contudo, não devemos possuir uma postura arrogante e de máxima sabedoria. Quem ensina está em constante aprendizagem, prova disso foi o que aprendi ao longo do ano através da minha experiência enquanto dava aulas, nas reuniões e discussões do NE e nos FB que o professor orientador me forneceu ao longo do ano letivo.

Através da minha experiência aprendi e aperfeiçoei questões como a emissão dos vários tipos de FB, o fecho do seu ciclo de aprendizagem e redireccionamento para outras tarefas. Permitiu-me também gerir melhor as aulas e criar situações de ajustamento mais rápidas e eficientes, contribuindo para a fluidez da aula.

Com o NE aperfeiçoei essencialmente questões de nível escrito de planeamento e projetos, como a planificação de UD, plano anual, planos de aula, etc.

Na interação com o orientador, alarguei o meu conhecimento acerca das matérias a uma grande escala, aprendi situações diversificadas do dia-a-dia, de posicionamento de aulas, de experiência que me falta na deteção de problemas ou de situações presentes na sala de aula, e também de questões referentes à própria avaliação e diferenciação da mesma.

Contudo, o aspeto mais importante que penso ter desenvolvido, é a minha capacidade de autorreflexão e análise após cada aula, justificando sempre porque dei determinados exercícios e escolhi determinada estratégia de ensino, fazendo um balanço global às ocorrências posteriores à aula, avaliando o meu desempenho e averiguando os pontos fortes, menos fortes e a melhorar.

4.2. Compromisso com as Aprendizagens dos Alunos

Esta foi uma das questões com que me deparei mesmo antes de entrar na Instituição Escolar. À partida, já sabia previamente que iria ter muita responsabilidade com os meus colegas e, principalmente com os meus alunos, pois sofrerão mais diretamente os resultados das minhas ações que os restantes.

Desta forma, mentalizei-me desde cedo em dar sempre o melhor de mim em qualquer situação, convergindo para uma formação contínua e interessada, que pudesse otimizar o processo de E/A da minha turma e das restantes com quem tinha contato. Para isso, desde cedo me fui preparando para ser o melhor profissional possível, mantendo uma atitude interessada e empenhada, cumprindo com as tarefas que me eram propostas e procurando por diversas vezes fontes de conhecimento para as quais não me sentia devidamente preparado. Com isto além de me tornar um melhor profissional, acabei também por beneficiar os meus alunos no decorrer das aulas, transmitindo uma atitude positiva e de bom ambiente em meu redor. Desta forma os alunos conseguem trabalhar num ambiente motivador e maximizar tanto com a minha experiência como conselhos e instrução as suas aprendizagens motoras.

4.3. Dificuldades e necessidades de Formação

4.3.1. Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução

A primeira dificuldade que senti na minha ação, foi não possuir um guia de estágio que me possibilitasse esclarecer as minhas dúvidas organizativas atempadamente. Contudo, após a sua leitura, consegui responder às questões burocráticas que me rodeavam com uma maior eficiência e eficácia.

A transmissão de FB foi uma preocupação minha ao longo do ano letivo, sendo intensificada a partir do momento em que orientador da faculdade me fez esse reparo. Assim sendo decidi tomar especial atenção a este parâmetro, criando estratégias que me possibilitassem acompanhar um aluno, verificando a conclusão do ciclo de FB, emitindo outro se necessário ou redirigindo-o noutra direção.

Outro aspeto que tive dificuldades foi em detetar rapidamente os erros dos alunos, deixando-os por vezes exercitar o erro. Para isto comecei a focar-me na

avaliação formativa e nos erros que sabia que os alunos já tinham mostrado anteriormente, facilitando-me assim a observação e treinando outros aspetos da mesma.

Sinto sem dúvida uma falta de tempo de prática antes de entrar na ESIDM. Penso que seria produtivo que a FCDEF oferecesse mais componentes práticas de ensino da EF, preparando os alunos melhor para a realidade que encontrei nesta instituição.

4.3.2. Importância da Formação Contínua

“A importância atribuída à formação contínua de professores justifica-se, em grande parte, pelas características da sociedade pós-moderna que colocam novas exigências ao «saber», ao «saber fazer» e, sobretudo, ao «saber como fazer» dos profissionais de educação” (Gonçalves, L. 2011).

Muito se tem falado recentemente sobre a avaliação de professores de forma a progredirem na carreira. Para mim este pressuposto é de simples compreensão e de muita utilidade, pois ao realizar uma avaliação esta é quase como que uma reflexão sobre os pontos fortes e os pontos menos fortes de um qualquer professor. Assim esta avaliação permitirá ao professor que uma avaliação externa lhe indique pontos onde deveria melhorar de forma a ser mais forte e consistente na sua tarefa de docência.

A formação contínua oferece inúmeros benefícios que muitas vezes para alguns professores apenas servem como cumprimento de pressupostos legais. Na minha opinião, uma formação contínua encerra em si diversos pontos positivos, como sendo um contínuo evoluir por parte do professor, não só para se tornar um profissional melhor, mas também para melhorar a sua qualidade de ensino aos alunos.

Penso que devemos também estar em constante atualização das modalidades, pois elas vão sofrendo alterações, tanto a nível técnico como tático, necessitando de um constante acompanhamento, de forma a permanecermos sempre na vanguarda do desporto e da EF. Esta atitude, não irá assim beneficiar-nos só a nós, Professores de Educação Física, irá por sua vez trazer mais-valias no

processo de E/A de qualquer aluno que se cruze sob a nossa responsabilidade enquanto docentes.

4.4. Importância do Trabalho Individual ou de Grupo

No que respeita ao trabalho individual vou procurar fazer uma reflexão sobre a inovação introduzida no meu trabalho, bem como toda a responsabilidade que tive de ter ao longo de todo o estágio pedagógico.

Referenciando a responsabilidade, o simples fato de ter uma turma a meu cuidado é além de um fator de orgulho pessoal, uma grande responsabilidade, pois sei que de uma forma ou de outra tive impacto na vida e na formação dos meus alunos. Tendo esta responsabilidade não lhes quero falhar neste depósito de confiança, trabalhando arduamente para lhes oferecer e transmitir as melhores técnicas de ensino e todos os meus conhecimentos, com o intuito de os formar não só enquanto desportistas mas também como pessoas que vivem numa sociedade.

Além deste aspeto, eu era também responsável pelo seu desenvolvimento através do processo de E/A. Assim sendo criei as melhores situações para que cada um pudesse desenvolver as melhores competências, adaptando o currículo à sua situação, trabalhando com os alunos individualmente ou em grupos de nível, etc. Em suma, criei as melhores progressões e exercícios que conhecia para que eles otimizassem o seu desenvolvimento ao nível do processo de E/A.

Quanto à capacidade de iniciativa, que pode ser entendida como a inovação em termos pedagógicos introduzida por mim, sempre que tive oportunidade, introduzi jogos lúdicos que motivassem a turma e o espírito de união, criando formas de motivar os alunos para a prática desportiva e a convivência em grupo.

No respeitante ao trabalho de grupo, relativamente à inovação, o NE limitou-se a pegar no que já estava feito, dando um toque pessoal às atividades, tentando melhorá-las e evitar os erros que foram criados anteriormente. Também não tivemos muito espaço para isso, visto que o Plano de Atividades da Escola já estava completo quando chegamos, de anos anteriores.

Centrando-nos agora na responsabilidade enquanto núcleo, importa referir que foram sempre cumpridas todas as tarefas que nos eram propostas, nunca recusando tarefas extra curriculares que em nada tinham a ver com o estágio. Este

facto registou-se com todos os professores estagiários ao longo de todo o ano na consecução de vários documentos como foram o caso dos projetos das atividades, assim como o plano anual de turma que contava com uma parte comum a todos nós e em atividades como a Descida do Rio Mondego e o Acampamento em Penacova.

4.5. Questões Dilemáticas

Durante o decorrer do Estágio Pedagógico, deparei-me com alguns problemas, entre eles a grande exigência dos programas programáticos ou, o não cumprimento dos mesmos em anos anteriores. Durante o ano letivo foi comum os alunos estarem em várias vezes em níveis inferiores aos mínimos para o seu ano de escolaridade, tendo assim o NE sentido a necessidade de readaptar todos os objetivos presentes no Programa Nacional.

Outro aspeto que me suscitou dúvida deveu-se ao fato das condições metodológicas adversas. O que fazer quando chove?

No nosso meio optamos por priorar a prática de matérias alternativas em deterioramento de aulas teóricas ou da matérias que estaríamos a abordar, contudo, deveria estar estipulado no programa situações tão comuns como esta.

Também relativamente à avaliação me surgem outras questões. Muito se fala em adaptar o currículo ao aluno, criar diferentes objetivos para diferentes alunos, promover o ensino diferenciado, etc. Contudo, será possível dar nota inferior a um aluno praticamente melhor, mas que participa muito pouco na aula e não regista qualquer desenvolvimento? Um aluno que evolui bastante durante a UD, contudo não atinge o nível do aluno anterior, poderá ter nota igual ou melhor? Bem, no nosso caso isso não acontece, porque a realidade é que a progressão em pouco é avaliada, servindo apenas de prestígio e orgulho por parte do aluno e do professor, uma vez que um aluno bom nunca será mau e um aluno esforçado não será necessariamente bom.

Para finalizar a minha apreciação, remeto mais uma vez para a carga horária e rotação de espaços na EF. A minha questão principal é a seguinte: Será que numa aula de 45m, sendo que os 5 minutos iniciais são para equipar e deslocar-se para o espaço de aula e os 10 minutos finais para questões de higiene pessoal, fará sentido existirem aulas com empenhamento motor inferior aos 30 minutos? Que

aproveitamentos terão os alunos? Na minha realidade, muitas vezes ouvia os alunos no auge da atividade a confrontar-me com expressões do género “Já acabou a aula professor?” ou “Agora que estava a gostar temos de ir embora?”. Não será melhor, pensando no desenvolvimento dos alunos alargar este míseros 45 minutos a um mínimo de 60 ou porque não 90?

5. CONCLUSÕES

5.1. Impacto do Estágio na Moldagem Pessoal e Profissional na Realidade do Contexto Escolar

O EP inserido no segundo semestre do segundo ano do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, revela-se crucial, uma vez que serve como momento de colocação em prática, de tudo aquilo que aprendemos ao longo do percurso académico, permitindo-nos ainda aumentar o nosso conhecimento à medida do decorrer do mesmo.

Ao entrar na Instituição Escolar o que mais me saltou à vista foi a forma como a visão prática do trabalho escolar, da construção, participação e reflexão eram imprescindíveis para o nosso sucesso. Assim posso dizer que este ano me transformou não apenas como profissional da área da educação, mas também como cidadão, porque me obrigou a refletir sobre diversos assuntos, muitos deles não apenas relacionados com a escola, mas também com o meio social e familiar, abrindo novos horizontes.

Durante o meu processo de estagiário e de formação enquanto professor, muito contribuíram os orientadores e colegas estagiários, que sempre me proporcionaram discussões, ofereceram orientações que considero vitais para que tenha tido sucesso e, principalmente, novas abordagens no processo E/A, possuindo neste momento conhecimentos mais alargados principalmente nas questões relacionadas com as práticas pedagógicas.

Individualmente o estágio teve um grande impacto em mim não só como futuro docente, mas também enquanto cidadão. Ao longo de todo o estágio, com a quantidade de reflexões que tive de fazer, quer de carácter oficial, quer as de carácter não oficial, devido ao acordo que me propus comigo mesmo em dar o melhor ensino aos alunos, necessitei de ir fazendo quer na produção de aulas, quer durante as próprias aulas uma constante renovação ou atualização de conhecimentos. Esta tarefa de reflexão pormenorizada tornou-me também a mim, enquanto cidadão de uma sociedade cada vez mais individualista, a oportunidade de

sair da rotina e verificar que há algo mais do que isso, um lugar para uma sociedade que pode coexistir em cooperação e em constante crescimento cognitivo.

Relativamente à participação na escola propriamente dita, o trabalho que desenvolvi até à presente data, será sempre marcante e algo que levarei para o resto da minha vida, uma vez que neste modifiquei um pouco essa minha atuação perante a sociedade, revelando-me mais aberto à participação. Também com o estágio, a relação com a escola necessitou de uma constante participação da minha parte em tarefas desenvolvidas no âmbito do seu Plano Anual de Atividades, fazendo-me interagir com diferentes cargos de gestão intermédia, bem como Encarregados de Educação e outros professores adjacentes à minha área de atividade. Registo desta forma com o maior prazer a minha participação e colaboração no seguimento das Atividades de Ski na Serra da Estrela e da Descida do Rio Mondego.

Para finalizar, levo também deste EP uma relação de amizade com muitos professores, pessoal não docente, alunos e diretores que guardarei por muitos e longos anos, devido à influência que tiveram na minha formação como profissional de EF, mas sobretudo, da minha formação enquanto pessoa.

Foi sem dúvida o culminar em êxtase do fim do meu ciclo de estudos, onde aprecio cada sucesso ou insucesso que tive, levando as suas consequências e aprendizagens comigo para onde quer que vá.

5.2. Prática Pedagógica Supervisionada

“O Estágio Supervisionado é o primeiro contato que o aluno-professor tem com seu futuro campo de atuação. Por meio da observação, da participação e da regência, o licenciando poderá refletir sobre e vislumbrar futuras ações pedagógicas. Assim, sua formação tornar-se-á mais significativa quando essas experiências forem socializadas em sua sala de aula com seus colegas, produzindo discussão, possibilitando uma reflexão crítica, construindo a sua identidade e lançando, dessa forma, um novo olhar sobre o ensino, a aprendizagem e a função do educador” (Januário, G. 2008).

O desenvolvimento da minha prática enquanto professor estagiário foi observado, em todas as aulas, pelo meu Orientador Pedagógico, tendo o Supervisor Pedagógico presenciado algumas também. No início esta supervisão causava alguma confusão, porque sabia que estava a ser avaliado segundo o meu desempenho, contudo, com o passar do ano letivo e o maior domínio e confiança nas minhas capacidades passei a encarar essas supervisões com naturalidade, uma vez que estes elementos estavam lá para me apoiar e ajudar enquanto eu dava o meu melhor no sentido de aperfeiçoar a minha função como docente.

Relativamente à ação do Orientador Pedagógico, este ofereceu-me dicas cruciais para o meu desenvolvimento enquanto professor de EF. Dando conselhos antes e após as minhas aulas sobre a melhor forma de ensinar determinada habilidade ou na introdução de determinado exercício como progressão a uma habilidade mais complexa. No fundo, transmitiu-me um pouco do que a sua grande experiência lhe permite detetar e agir com facilidade. A sua atitude séria e cometida sempre me deu entusiasmo para fazer o meu melhor, pois o principal compromisso estava com os alunos e a melhor forma de contribuir para o seu processo de E/A. O acordo inicial que acordamos, de assistir a todas as aulas, tenho a afirmar com toda a certeza que foi dos principais fatores que acelerou a minha evolução enquanto professor, visto que ao observar muitas aulas, evitava alguns erros e acrescentava exercícios chave à minha ação e intervenção pedagógica, facilitando-me de certa forma a deteção e intervenção ao nível da homogeneidade da turma.

Centrando-me no Supervisor Pedagógico, ele mostrou-se sempre disponível para atender às nossas questões essenciais que lhe íamos questionando, fornecendo-nos dicas extremamente importantes para o nosso desenvolvimento. A maior oferta que o Supervisor me deu, foi a capacidade de me fazer transmitir para a prática aquilo que estava no planejamento, permitindo-me realizar uma melhor articulação entre o que era dito com o que realmente acontecia. Outro fator importante foi realizar sempre em conjunto as reuniões, assim, enquanto ouvia os FB que este dava aos meus colegas, interiorizava alguns deles que me pudessem ajudar na minha prática de ação educativa nas aulas de EF.

6. APROFUNDAMENTO DO TEMA – O ENSINO RECÍPROCO COMO PRÁTICA INCLUSIVA

6.1. Fundamentação Teórica

Há muito se sabe que o ensino recíproco “é recomendado para atividades para apoio a alunos com Necessidades Educativas Especiais integradas em meios inclusivos” (Klingner & Vaughn, 1996), contudo, este tema continua a ser alvo de poucos estudos até à atualidade, uma vez que apenas recentemente foi realizada uma tentativa de conceptualizar os componentes chave à prática de Ensinos Inclusivos ou “para estabelecer formas que os identifiquem empiricamente, validando-os” (Fisher et al, 1995).

Desta forma, existe uma escassez de estudos empíricos onde os professores do ensino regular implementam eles próprios este método (Rosenshine & Meister, 1994). Aparentemente, apenas o estudo de Lederer em 2000 e Wilhelmina em 2002, pretendem contextualizar este método como inclusão em todas as salas de aula.

Apesar de ainda ser alvo de pouco estudo, é sabido que o Ensino Recíproco tem um enorme potencial no reconhecimento dos alunos das suas próprias capacidades, de forma a suportar um crescimento de habilidades autorreguladoras, enquanto ao mesmo tempo é capaz de participar com maior percentagem de empenho e de independência no processo de Ensino-Aprendizagem presente nas aulas de Educação Física.

“Através da pesquisa realizada no Ensino Especial é evidente que o Ensino Recíproco pode ser adaptado para uma variedade muito mais ampla de alunos do que os com necessidade especiais” (Klingner & Vaughn, 1996).

Assim sendo e, baseado num estudo de Wilhelmina, acerca da inserção de um projeto de Ensino Recíproco numa escola secundária e primária, irei adequar o tema face às necessidades que me serão apresentadas ao longo do desenvolvimento deste projeto.

6.2. Justificação Temática

Escolhi este tema porque devido à inexploração da temática do Ensino Recíproco como um Ensino Inclusivo. Todo o profissional de Educação Física conhece a importância de criar formas de incluir alunos com maiores dificuldades ou divergências sociais no seio de uma turma e, nada melhor do que um espaço onde é dada a liberdade para a expressão corporal e prática física, para promover o trabalho em grupo. Desta forma, achei estranho, um assunto deveras tão importante e que pode ter um impacto significativo nas vivências e desenvolvimento do aluno enquanto indivíduo dotado de capacidades motoras, mas também enquanto indivíduo a ser educado para uma convivência em cidadania, não estar amplamente estudado e aplicado especialmente dentro do País.

Existem já alguns estudos relativos a esta temática, contudo, não me foi possível encontrar nada relativo a esta abordagem nas escolas portuguesas, o que me alertou para o fato de estar na altura de realizar um *upgrade* ao conhecimento, sempre com o objetivo de oferecer ao aluno as melhores formas de otimização do processo ensino-aprendizagem.

É assim sabido que os alunos beneficiam de processos onde “a cooperação, aliada ao processo de supervisão do professor se transformam em processos de aquisição de conhecimento e de consciência do próprio conhecimento” (Stevens, Slavin and Farnish, 1991). Assim sendo, Cohen’s (1994) sugere incluir com maior afinco os processos inerentes ao ensino recíproco, criando formas de aceitação e cooperação dentro da turma “como estratégia de produção de ganhos de aprendizagem, desenvolvimento de um nível de pensamento mais alto, melhoria do comportamento social, aceitação inter-racial e como um meio de controlar a heterogeneidade nas turmas”.

6.3. Problema

O Ensino Recíproco foi desenvolvido como um método de instrução na compreensão metacognitiva e, como tal, está amplamente pesquisado e demonstrase eficaz. No entanto, é sabido que o potencial do Ensino Recíproco como um método inclusivo tem sido largamente subestimado na literatura.

Ao examinar o estado da literatura relativa ao Ensino Recíproco no âmbito da inclusão, verifico também que estão por provar ou examinar os seus efeitos, logo torna-se indispensável criar um estudo em que seja possível observar os reais efeitos deste estilo de ensino, neste caso, verificando se alunos de classes sem Necessidades Educativas Especiais conseguem integrar-se dentro deste método, prosperando e obtendo níveis motores superiores ao nível inicial em que chegam às salas de aula.

No intuito de provar esta análise, tomei a decisão de orientar a minha turma, sempre que possível, regendo-me pelo Ensino Recíproco, como forma de integração e evolução, fazendo com que o aluno trabalhe em grupo e consiga avaliar-se a si próprio e ao companheiro consoante as componentes críticas dadas inicialmente pela instrução do professor, tendo este a simples tarefa de orientação do observador, emitindo-lhe *feedback* relativamente à sua própria instrução ou execução, orientando os alunos pelo caminho correto. Após a observação de um aluno ao seu companheiro, estes devem trocar de funções, ficando um a desempenhar a função de observador e a outra de executante, objetivando assim, aprender não só fazendo, mas corrigindo o colega e evitando/identificando o próprio erro. No final desta análise será realizada uma comparação das competências diagnósticas dos alunos, face às competências finais dos mesmos, após porem em prática o ensino recíproco.

6.4. Objetivo

O presente tema tem como maior premissa, a concretização dos seguintes objetivos:

- Aumentar os níveis de concentração do aluno, ao focarem-se na tarefa e na deteção do erro/emissão de *feedback*;
- Aumentar os níveis de empenhamento motor, estando em prática ao mesmo tempo que realiza a observação, criando assim automatismos eficientes que lhe permitam melhorar as suas habilidades motoras e observar o colega;
- Certificar o Ensino Recíproco como Prática Inclusiva, através da apresentação de resultados satisfatórios da evolução dos alunos sem necessidades educativas especiais ao longo das Unidades Didáticas;
- Realçar o Ensino Recíproco no currículo escolar como alternativa aos diferentes estilos de ensino existentes;

6.5. Observações

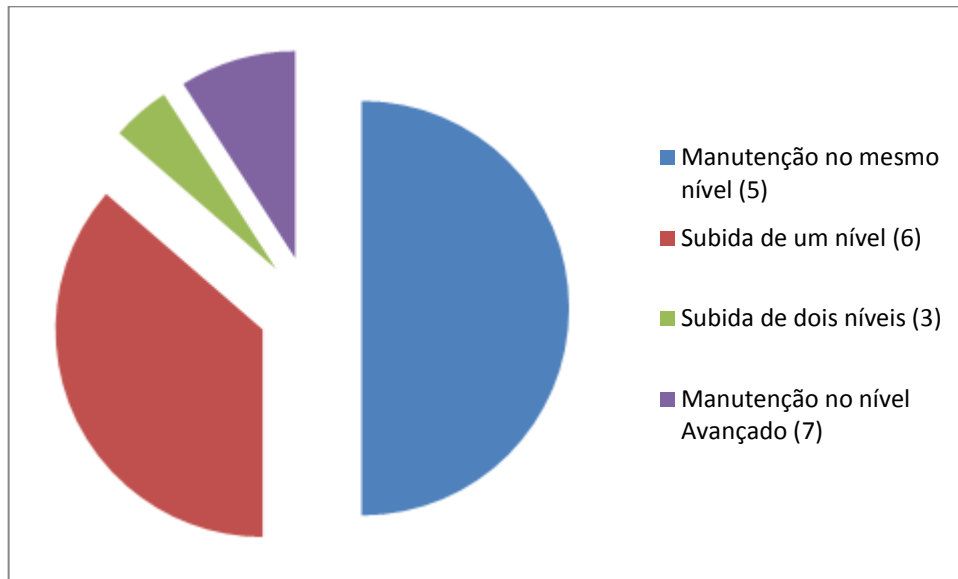
Durante o ano letivo os alunos trabalharam em grupo, utilizando o ensino recíproco em duas Unidades Didáticas, sendo estas a UD de *Badminton*, maioritariamente através do Ensino Recíproco e a UD de Voleibol, que foi a primeira experiência que realizei com este estilo de ensino.

Desta forma, os alunos realizaram 8 aulas de voleibol e 6 de *Badminton*, perfazendo um total de 810 minutos de aula, num total de 720 minutos de tempo útil de aula, obtendo os seguintes resultados:

Voleibol	Nível Inicial	Nível Final
Aluno A	Elementar	Avançado
Aluno B	Introdutório	Avançado
Aluno C	NA	NA
Aluno D	Introdutório	Elementar
Aluno E	Elementar	Avançado
Aluno F	Elementar	Elementar
Aluno G	Elementar	Elementar
Aluno H	Elementar	Elementar
Aluno I	Elementar	Avançado
Aluno J	Introdutório	Elementar
Aluno K	Elementar	Elementar
Aluno L	Elementar	Elementar
Aluno M	Introdutório	Elementar
Aluno N	Avançado	Avançado
Aluno O	Avançado	Avançado
Aluno P	Elementar	Elementar
Aluno Q	Elementar	Elementar
Aluno R	Introdutório	Elementar
Aluno S	Introdutório	Introdutório
Aluno T	Elementar	Elementar
Aluno U	Introdutório	Introdutório
Aluno V	Introdutório	Introdutório

Badminton	Nível Inicial	Nível Final
Aluno A	Avançado	Avançado
Aluno B	Introdutório	Elementar
Aluno C	Avançado	Avançado
Aluno D	Introdutório	Elementar
Aluno E	Avançado	Avançado
Aluno F	Avançado	Avançado
Aluno G	Avançado	Avançado
Aluno H	Elementar	Avançado
Aluno I	Avançado	Avançado
Aluno J	Elementar	Elementar
Aluno K	Introdutório	Avançado
Aluno L	Introdutório	Elementar
Aluno M	Introdutório	NA
Aluno N	Avançado	Avançado
Aluno O	Introdutório	Avançado
Aluno P	Introdutório	Avançado
Aluno Q	Introdutório	Elementar
Aluno R	Introdutório	Introdutório
Aluno S	Introdutório	Introdutório
Aluno T	Introdutório	Elementar
Aluno U	Introdutório	Introdutório
Aluno V	Elementar	Elementar

Tomando primordialmente como referência a primeira Unidade Didática, onde introduzi pela primeira vez o ensino recíproco, foi possível avistar o seguinte gráfico:



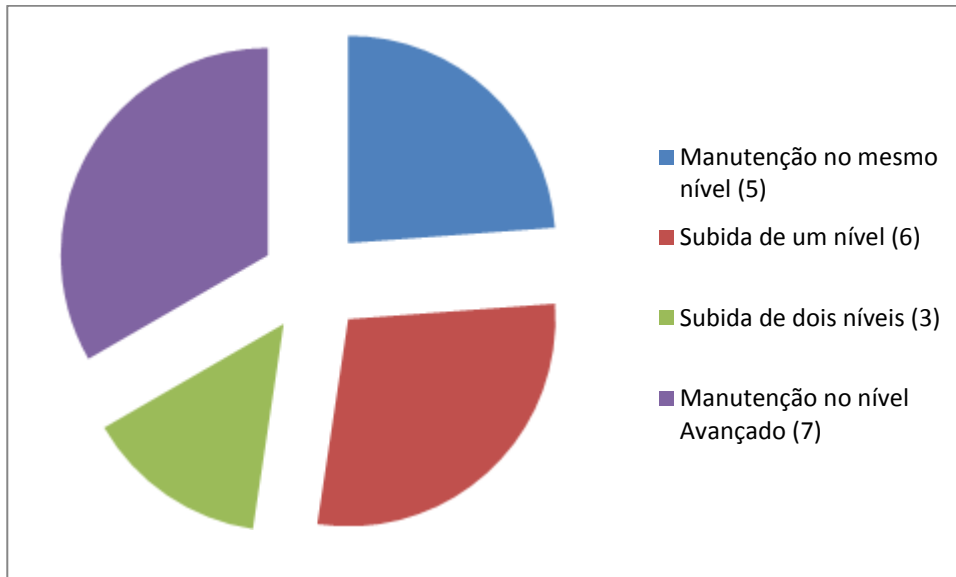
Legenda 1 – Gráfico da UD de Voleibol

Ao analisar mais de perto os dados do gráfico podemos concluir que a maioria dos alunos (11), mantiveram o nível à qual iniciaram a atividade, contudo, apesar de terem mostrado sinais de progressão, não foi o suficiente para atingir o nível seguinte. Por outro lado, observamos que outra grande metade da turma (8 alunos) conseguiram efetivamente subir de nível, vendo o seu trabalho de grupo recompensado na aquisição de novas habilidades mais eficazes. De destacar também o fato de 1 aluno ter conseguido destacar-se em dois níveis, fruto do seu empenho e constante observação/exercitação das tarefas pedidas pelo professor, tendo outros 2, mantido o nível Avançado já existente.

Este quadro permite-nos assim aferir que como primeira introdução do Ensino Recíproco é possível verificar algumas melhorias, contudo não são tão boas quanto o desejado, uma vez que a maioria da turma não conseguiu alcançar uma melhoria significativa. Posso assim afirmar que 11 alunos mantiveram o mesmo nível, não demonstrando uma evolução suficiente que lhes permitisse posicionar num nível acima dos que estavam. Por outro lado a outra metade evoluiu consideravelmente, não verificando assim ainda o efeito pretendido com o Ensino Recíproco.

Visando agora a Unidade Didática de *Badminton*, onde me centrei exclusivamente em torno do Ensino Recíproco e já tinha a experiência da sua utilização da UD anterior, possibilitando-me uma melhor ação junto aos alunos.

Assim, ao observar o gráfico:



Legenda 2 – Gráfico da UD de *Badminton*

Desta forma, visto eu próprio ter um melhor conhecimento e à vontade com o Ensino Recíproco e visto os meus alunos já estarem com determinados automatismos na realização dos exercícios, os dados obtidos são substancialmente diferente.

Ao analisar minuciosamente os dados do gráfico podemos concluir que apenas 5 alunos, mantiveram o nível à qual iniciaram a atividade, que por fatores de motivação, atrasos e ausência às aulas, também complicaram esse processo de evolução. Por outro lado, observamos que a maioria da turma apresenta ou uma subida de nível ou o alcançar do nível avançado (16). Desta forma é crucial verificarmos que 3 alunos conseguiram transitar do nível introdutório para o avançado e que outros 6 fizeram semelhante transição do nível elementar para o Avançado.

Este quadro permite-nos assim aferir que os alunos melhoraram/atingiram níveis de excelência significativos acima dos 70%, mostrando que o trabalho em Ensino Recíproco pode, de facto, trazer vantagens à maioria dos alunos e que pode eventualmente ser integrado nas aulas de Educação Física, tanto de Pessoas com Necessidades Educativas, mas também com os restantes alunos.

6.6. Reflexão

Inicialmente, quando me debrucei sobre o estudo deste tema, desde logo o achei interessante, não apenas derivado à sua vertente de trabalho em grupo, que acho fundamental para o desenvolvimento do aluno não só como indivíduo que possui um conjunto de habilidades motoras, mas também como indivíduo social.

Deste modo surgiu-me a ideia de procurar conteúdo bibliográfico que me pudesse ajudar a introduzir este método nas minhas aulas de Educação Física, método que vim a descobrir que estava muito pouco explorado e era, em certa medida, “negligenciado” por parte do ensino geral. Apenas tinha conhecimento do mesmo através de Mosston e as suas estratégias e estilos de ensino. Encontrado este dilema, resolvi aprofundar a minha curiosidade, procurando artigos na biblioteca, na internet, em revistas científicas, etc. Contudo a escassez de material continuava a persistir.

Assim sendo, tomei como iniciativa, através dos estudos que já tinha conseguido ler e estudar, introduzir esta estratégia de ensino na turma em que estava a lecionar, verificando realmente se o efeito seria positivo ou se, por sua vez, não seria possível certificar ainda o Ensino Recíproco como Ensino Inclusivo.

A conclusão a que chego, após este ano de estudo é que de facto, é necessário existir um elo de comparação entre o grupo alvo e o grupo de controlo, pois não tendo existido outra turma com a qual eu pudesse exercer uma prática controlada, sem utilizar o ensino recíproco, não me é permitido dizer se este é melhor ou pior do que outro qualquer, perdendo deste modo a legitimidade em certifica-lo.

O que não me deixa desanimar é que, apesar de não ter sido possível criar métodos de certificação do Ensino Recíproco, ser possível visualizar uma progressão progressiva evidente, não tanto no voleibol, que foi a Unidade Didática em que tomei contato pela primeira vez com esta metodologia, mas mais concretamente na UD de *Badminton*, onde me senti completamente familiarizado com o estilo de ensino, os alunos ao ouvir a minha instrução, conseguiam rapidamente identificar os pontos chave que tinham que observar e o tipo de *feedback* que teriam de fornecer ao companheiro, facilitando-me na tarefa de orientação e correção dos exercícios desenvolvidos.

Uma outra estratégia que aliei ao Ensino Recíproco foi a variação periódica da formação dos pares, fazendo com que o aluno de espaço a espaço encontra-se um companheiro diferente e treina-se o seu foco atencional para as diferentes problemáticas que o novo companheiro lhe oferecia, trabalhando em conjunto para as ultrapassar.

Concluindo, estou satisfeito com o desenvolvimento do trabalho realizado, que, apesar de não ter sido possível certifica-lo como ensino inclusivo, devido à falta de grupo de controlo, foi, isso sim possível observar uma evolução nos alunos, transmitindo a informação que este estilo de ensino pode e deve ser utilizado, pois demonstra que tem a capacidade de fazer com que os alunos evoluam ao nível do seu processo de Ensino-Aprendizagem, mas também a nível de trabalho de grupo, aumento dos níveis de concentração, de diálogo e de deteção e correção do erro, aliados à interiorização dos conceitos chaves teóricos inerentes a cada habilidade motora.

De futuro, se me for possível realizar novo estudo, aplicaria de novo este estilo de ensino, contudo, tendo uma turma a executá-lo, outra a servir de turma de controlo e, se possível, uma outra utilizando outros estilos de ensino que não o Ensino Recíproco, objetivando assim certificar o Ensino Recíproco como uma prática Inclusiva no curriculum escolar.

7. CONCLUSÃO DO RELATÓRIO DE ESTÁGIO

Findado assim o meu ciclo de estágio na ESIDM e, chegando também ao fim do MEEFEBS, está na altura de retirar elações finais relativas ao meu percurso e à aprendizagem realizada ao longo da minha vida enquanto estudante.

Inicialmente dirigindo-me para a vertente do mestrado, deparei-me com um primeiro ano muito teórico, que apesar de ser mais “maçudo” me permitiu agir com prontidão e eficácia nas questões de planeamento, bem como de resposta a questões burocráticas e organizativas. Assim, sinto que a primeira parte me preparou mais para a vertente teórica da função do profissional de EF.

No segundo ano, entrei então em EP na ESIDM. Durante este período letivo encontrei diversas dificuldades em me adaptar, primeiro, porque penso que a componente prática do mestrado é pouco ou nada explorada antes de sermos inseridos na realidade do contexto escolar, obrigando-nos a pesquisar bibliografia e tirar formações em matérias para as quais não temos experiência ou certificação. Contudo, o estágio com orientação é uma excelente forma de combater essas adversidades, já que nos obriga de certa forma a desenvolver um espírito crítico, de busca pelo conhecimento e de aplicação de novos estudos e exercícios, maximizando o processo de E/A das nossas turmas.

Este período anual fez-me crescer exponencialmente, porque sou defensor que a prática aguça o engenho. Assim sendo, através da prática e da busca pela informação, vamos criando mecanismos de adaptação e melhoramento de estratégias a abordar.

Durante este ano de prática sentiu que melhorei principalmente a parte de realização das atividades que desenvolvi, já que me deparei com situações reais de aplicação de projetos e planeamentos, aprendendo a agir, controlar e liderar um grupo de alunos. Assim foi feita a minha transição de aluno/professor para professor/aluno, realçando-me a responsabilidade e cargos acrescidos que este novo estatuto trás conjuntamente com o processo de ensino.

A nível formativo, para além das minhas competências enquanto profissional de EF, desenvolvi também competências sócia afetivas, interagindo com as turmas, os professores e em geral, com toda a comunidade escolar.

Chegado agora ao fim do meu ciclo enquanto estudante é também com grande orgulho que olho para trás e observo o meu percurso enquanto aluno, constatando todas as dificuldades que ultrapassei e as metas que atingi para estar a redigir o presente documento. Com isto concluo que todo este processo educativo fez e continuará a fazer de mim um professor proactivo, que lutará a favor da renovação do ensino em Portugal, construindo os novos pilares em que o ensino virá a assentar.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bento, J. O. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Edições Livros Horizonte. Lisboa.

Bossle, F. (2002). *Planejamento de ensino na Educação Física – Uma contribuição ao coletivo docente*.

Cowie, B. & Bell, B. (1999). *Formative Assessment and Science Education*. Kluwer Academic Publishers.

Graham, G. *Teaching Children Physical Education: Becoming a Master Teacher*.

Glock, RS, Goldim JR. (2003). *Ética profissional é compromisso social*. Porto Alegre.

Godatti, M. (1988). *Educação e Poder: Introdução à Pedagogia do Conflito*. Cortez Editora.

Januario, G. (2008). *O Estágio Supervisionado e Suas Contribuições para a Prática Pedagógica do Professor - Seminário de História e Investigações de/em aulas de matemática*. Campinas.

Klingner, J. K., Vaughn , S., & Boardman, A. (2007). *Teaching Reading Comprehension to Students with Learning Difficulties*. New York: Guilford.

Loretto, P. (2002). *Internship Guide*. Empire State College.

Luck, J. (2003). *Course management systems: Inovation versus managerialism*. Association for Learning Technology.

Malaguzzi, L. (1993). *History, Ideas, and Basic Philosophy*. Norwood, NJ: Ablex.

Piéron, M. (1996). *Formação de Professores - Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*. Faculdade de Motricidade Humana.

Plano Nacional de Educação Física do Ensino Secundário. 2001.

Ribeiro, L. *Avaliação da Aprendizagem*. Texto Editora.

Siedentop, D. (1998). *Aprender a enseñar la educación física*. INDE;

ANEXOS

1 – Plano de Aula

PLANO DE AULA

NOME DO PROFESSOR:

ANO LECTIVO:

PERÍODO:

ANO:

TURMA:

AULA N.º:

UNIDADE DIDÁCTICA:

AULA N.º DA UNIDADE DIDÁCTICA COM UM TOTAL DE:

FUNÇÃO DIDÁCTICA:

DATA:

HORA:

DURAÇÃO:

LOCAL/ESPAÇO:

N.º DE ALUNOS:

RECURSOS MATERIAIS:

Sumário/OBJECTIVOS:

P	⌚		Tarefas de Aprendizagem	Objetivos Comportamentais/ Componentes Críticas	Estratégias
	T	P			
P A R T E I N I C I A L					

P A R T E F U N D A M E N T A L				
P A R T E F I N A L				

Faltas (alunos n.º):

Observações/Relatório:

2 – Distribuição de Espaços

		2ª				3ª					4ª					5ª					6ª			
		POLI	GIN	PIS	EXT	POLI	GIN	MULT	PIS	EXT	POLI	GIN	MULT	PIS	EXT	POLI	GIN	MULT	PIS	EXT	POLI	GIN	PIS	EXT
08:30	09:15	7A	12D	12H		7B	10E	12I	11E		11H	10H	12B	9A		12C	12J	10F	11B		12E	10C	10H	
09:15	10:00	7A	12D	12H		7B	10E	12I	11E		11H	10H	12B	9A		12C	12J	10F	11B		12E	10C	10H	
10:15	11:00	8A	8C	11I		10B	10D	12F	11D		12H	10I	12E	10A		10B	12I	11F	11A		12B	10D	7D	
11:00	11:45	8A	8C	11I		10B	10D	12F	11D		12H	10I	12E	10A		10B	12I	11F	11A		12B	10D	7D	
12:00	12:45	12C	7C	10F		8B		12J	11G		12G	7D	12A	7A		10G	12F	11I	12D		12A	12G	8D	
12:45	13:30	12C	7C	10F		8B		12J	11G		12G	9C	12A	8A		10G	12F	11I	12D		12A	12G	8D	
13:35	14:20																							
14:20	15:05		9A			8D	9B	X								7B	X				9D			
15:15	16:00	11C	10A	9C		9D	10C	X	11F							10E	8B	X	9B		10I	11G		
16:00	16:45	11C	10A	9C		9D	10C	X	11F							10E	8C	X	9B		10I	11G		
17:00	17:45	11B	10G				11A	X								11C	11D	X	7C		11H	11E		
17:45	18:30	11B	10G				11A	X								11C	11D	X			11H	11E		

LICÍNIO



CARLOS



AMADEU



LURDES



GANDUM



JOAQUIM



CLÁUDIA



Rotações:

3 Profs	1ª	17 de Setembro a 7 de Dezembro
	2ª	10 de Dezembro a 15 de Março
	3ª	4 de Abril a 14 de Junho
2 Profs	1ª	17 de Setembro a 1 de Fevereiro
	2ª	4 de Fevereiro a 14 de Junho

Nota: A ocupação do espaço exterior será prioritária em alternância com a piscina

4 Profs	1ª	17 Setembro a 16 de Nov
	2ª	19 de Novembro a 01 de Fevereiro
	3ª	4 de Fevereiro a 12 de Abril
	4ª	15 de Abril a 16 de Junho

Licínio - Turmas - 11 H; 12 F; 12 G; 12 H; 12 I; 12 J

Carlos - Turmas - 11º A; 11º B; 11º C; 10º C; 10º D; 10º E

Amadeu - Turmas - 9º B; 10º A; 10º B; 10º G

Lurdes - Turmas - 12º A; 12º B; 12º C; 12º D; 12º E

Gandum - Turmas - 7º A; 7º B; 8º A; 8º B; 9º A

Cláudia - Turmas - 10º F; 11º D; 11º E; 11º F; 11º G; 11º I

Sérgio - Turmas - 7º C; 7º D; 8º C; 8º D; 9º C; 9º D; 10º H; 10º I

3 – Extensão e Sequenciação de Conteúdos

	Basquetebol									
Mês	Outubro									
Data	3/10/12	08/10/12	20/10/12	22/10/12	24/10/12	29/10/12	31/10/12	05/11/12	07/11/12	12/11/12
N.º de aula	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Conteúdos										
Manejo de bola	I		E	E	E	C	C	C	C	AS
Recepção	I	E	E	E	C	C	C	C	C	AS
Lançamentos (apoio, na passada)		I	E	E	E	C	C	C	C	AS
Dribles	I	E	E	E	E	C	C	C	C	AS
Passes		I E	E	C	C	C	C	C	C	AS
Desmarcação			I E			C	C	C	C	AS
Defesa				I E	E	E	E	C	C	AS
Ressalto				I E	E	E	E	C	C	As
Mudanças Direção					I E	E	E	C	C	AS
Paragens	I	E	E	E	E	E	C	C	C	AS
Mão-alvo	I	E	E	E	C	C	C	C	C	AS
Situações de Jogo			I	E	E	E	C	C	C	AS

4 – Avaliação Diagnóstica

Aluno	Modalidade Coletiva: Basquetebol																	Obs.		
	Componentes Técnica											Componentes Táticas Jogo 3X3								
	Passe			Recepção			Drible			Lançamento na passada		Ataque			Defesa					
	Pega da bola	Ação m.s	Ação m.i	Mão alvo	Pega da bola	Ação m.s	Ação m.i	Olhar para a frente	Contacto com a bola	Ação m.s	Paragem do drible	Apoios	Elevação	Lançamento	Enquadramento	Desmarcação	Passe e corte		Posição base	Posicionamento
1																				
2																				
3																				
4																				
5																				
6																				
7																				
8																				
9																				
10																				
11																				
12																				
14																				
15																				
16																				
17																				
18																				
19																				
20																				
22																				

Legenda: E – Executa

NE – Não Executa

5 – Ficha de Observação

		CrITÉrios	Ins	S	B	MB	Observações
Planeamento	Plano de Aula	Coerência com a UD					
		Unidade da Aula					
		Especificação e clareza					
		Correção das Est. de Ensino					
		Análise Crítica e Reflexão					
Instrução	Informação Inicial	Inicia a aula a horas, explicitando os objetivos da aula relacionando-os com as tarefas das aulas anteriores e posteriores da UD					
	Condução da Aula	Organiza as atividades permitindo um posicionamento e circulação de modo a observar e controlar sempre a turma.					
		Recorre aos alunos para demonstrar, corrigir e transmitir conteúdos, explicando oportunamente a matéria.					
	Qualidade dos Feedback	Fornece feedbacks positivos, descritivos/prescritivos e interrogativos, de forma equitativa e correta pelos grupos e pelos diferentes alunos.					
		Verifica o efeito pretendido					
Conclusão da Aula	Realiza o balanço da atividade, controlando a aquisição de conteúdos, fazendo ligação à aula seguinte da UD						
Gestão	Gestão do Tempo	Gere o tempo de aula em relação ao material, constituição dos grupos e de acordo com o plano de aula; Atitudes e intervenções adequadas.					
	ação o/Tr	Capacidade de organização e suas transições, explicando a					MEEFEBS – FCDEF UC

		regras e os cuidados a ter na execução da tarefa.					
		Apresenta uma estrutura global coordenada e contínua, permitindo controlo e fluidez nas transições entre tarefas.					
Cima/Disciplina	Controlo	Intervém de forma correta e sistematicamente; Motiva e transmite entusiasmo aos alunos, controlando a turma.					
	Comum.	Comunica de forma audível, clara, acessível e positiva; utiliza a comunicação não verbal.					
Decisões de Ajustamento		Adapta-se às situações imprevistas, contudo concorrendo para o objetivo da aula.					

6 – Questionário

Questionário

Este questionário tem como objetivo recolher informações acerca de cada aluno, no que respeita às suas vivências escolares, familiares e desportivas. Tem como finalidade realizar a caracterização da turma. Não tem qualquer carácter avaliativo, pelo que agradecemos a vossa máxima sinceridade.

1- Identificação do Aluno

Nome: _____ Ano: ____ Turma: ____

N.º ____

Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: ____ Anos

Residência:

Código Postal: ____ - ____ Localidade: _____

Naturalidade: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____

Contacto a estabelecer em caso de emergência:

Nome: _____

Telefone: _____ Telemóvel: _____

2 – Encarregado de Educação

Pai Mãe Outros Grau de parentesco: _____

Nome: _____

Profissão: _____

Residência: _____ Código Postal: ____ - ____

Localidade: _____ Telefone: _____ Telemóvel: _____

No ano letivo anterior o teu Encarregado de Educação foi às Reuniões com o Diretor de Turma:

Muitas vezes Às vezes Raramente Nunca

Os teus pais e/ou Encarregado de Educação incentivam-te a estudar e ir às aulas?

Sim Não

3 – Situação familiar

Nome do Pai: _____

Idade: _____ Anos Profissão: _____

Nome da Mãe: _____

Idade: _____ Anos Profissão: _____

Pais Separados: Não Sim Pais Falecido (s): Pai Mãe

Habilitações literárias:

	Pai	Mãe
Ensino Básico		
Ensino Secundário		
Ensino Superior		
Mestrado		
Doutoramento		
Outra(s). Qual(ais)?		

Número de irmãos: 0 1 2 3 4 +4

Idades por ordem crescente: _____

4 – Ambiente familiar

Com quem vives?

Mãe Pai Com familiares Outros? _____

Como consideras o teu ambiente familiar?

Bom Razoável Mau

Conversas com os teus pais sobre os seguintes assuntos? Indica qual(ais):

Problemas Escolares	
Problemas Pessoais	
Amigos/Colegas de turma	
Problemas da atualidade (Droga, SIDA,...)	
Outro(s). Quais?	

5 – Habitação

Onde vives? Meio rural Meio urbano

Em que tipo de casa habitas?

Apartamento	
Moradia	
Outro	

Tens um quarto só para ti? Sim Não

Se **não**, com quem divides? _____

Habitualmente, o teu local de estudo é?

Em casa	
Na escola	
Outro(s). Qual(ais)?	

Estudas em locais:

Silenciosos	
Barulhentos	
Com o rádio ligado	
Com a televisão ligada	

6 – Vida Escolar

Em que escola estudaste no ano anterior? _____

Já reprovaste de ano? Não Sim

Qual(ais) o(s) ano(s)? _____

Qual a razão porque frequentas a escola? (Assinala as **2** principais):

Gostas de aprender	
É necessário no futuro	
Queres ter um emprego	
És obrigado pelos teus pais	
Queres ter um curso superior	
Outra(s). Qual(ais)?	

Com que frequência realizas o teu estudo?

Diariamente	
Regularmente	
Em vésperas de teste	
Nunca	

Como gostas de estudar? Sozinho Em grupo

Alguém te ajuda a esclarecer dúvidas quando tens dificuldades? Sim Não Quem?

Tens aulas de apoio pedagógico acrescido? Sim Não

Qual é a disciplina que mais gostas? _____

Qual é a disciplina que tens mais dificuldade? _____

Quais são as principais razões dessa dificuldade (assinala as 2 mais importantes):

Falta de estudo	
Falta de interesse	
Dificuldade de compreensão	
Falta de bases dos anos anteriores	
Falta de material	
Pouco tempo para aprender muita matéria	
Colocação tardia dos professores	
Problemas de saúde	
Problemas pessoais	
Outra(s) Quais?	

Ambicionas tirar um curso superior? Sim Não

Qual a profissão que gostarias de exercer e porquê? _____

7 – Personalidade/ Interesses Pessoais

Indica as tuas duas principais qualidades:

Divertido/a	
Solidário/a	
Compreensivo/a	
Comunicativo/a	
Participativo; empenhado/a	
Responsável	

8– Deslocação para a escola

Como te deslocas para a escola?

A pé	
De mota	
De carro	
Comboio	
Autocarro	
Outro. Qual?	

Quanto tempo demoras na deslocação de tua casa para a escola?

-15min

15min

30min

45min

1h

+1h

9 – Alimentação

Onde costumavas almoçar?

Em casa	
Na cantina da escola	
No bar da escola	
Outro. Qual?	
Não almoço	

Quais são as refeições que fazes diariamente?

Pequeno-almoço

A meio da manhã

Almoço

Lanche

Jantar

Ceia

10 – Saúde e Hábitos de Higiene

Estatura: _____ cm;

Peso: _____ Kg

Tens algum tipo de dificuldades?

Visuais	
Auditivas	
Motoras	
Linguagem	
Outras	

Sofres de alguma doença continuamente? Sim Não Qual? _____

Se necessitas de cuidados especiais de saúde, indica-os: _____

Já tiveste alguma lesão desportiva? Sim Não Qual? _____

Costumas tomar banho após a aula de Educação Física? Sim Não

Costumas tomar banho diariamente? Sim Não

11 – Repouso

Dormes bem? Sim Não

A que horas costumavas deitar-te em tempo de aulas? _____

A que horas costumavas levantar-te em tempo de aulas? _____

Quantas horas dormes normalmente?

5h

6h

7h

8h

+8h

12 – Tempos Livres

Nas horas de tempo livre gostas de estar :

Sozinho	
Com os amigos	
Com a família	
Outros _____	

Como costumavas ocupar os teus tempos livres (assinala com um **X**)?

Navegar na Internet		Ver Televisão	
Ir ao cinema		Praticar Desporto	
Estar com a família		Ouvir música	
Passear		Conversar com os amigos	
Ajudar no ofício dos pais		Ler	
Outros. Qual (ais)?		Jogar computador	

Como costumavas ocupar os teus tempos livres na escola:

Atividade física	
Com amigos	
Com o namorado(a)	
Ler	
Ouvir música	
Estudar	
Outro. Qual (ais)? _____	

Indica o género de programas de TV, música e livros que preferes?

Ver Tv	
Concursos	
Notícias	
Telenovelas	
Filmes	
Desporto	
Desenhos animados	
Outro. Qual(ais)? _____	

Música	
Pop	
Rock	
Popular	
Rap	
Dance-music	
Haevy-metal	
Outro. Qual(ais)? _____	

Ler	
Aventura	
Romance	
Poesia	
Ficção Científica	
Policiais	
Banda desenhada	
Revistas ou Jornais	

13 – Educação Física/Atividades Desportivas

Gostas da disciplina de Educação Física? Sim Não

Tiveste EF em todos os anos anteriores? Sim, em todos Não

Em qual(ais) e qual a razão? _____

Que classificação obtiveste a EF no ano anterior? _____

Desde quando tens Educação Física?

Pré-primário	
1º Ciclo	
2º/ 3º Ciclo	

Quais destas modalidades já praticaste nas aulas de EF?

Andebol Futebol Voleibol Basquetebol Râguebi Dança
Ginástica Atletismo Natação Corfebol Patinagem Outro(s)

Qual (ais) as modalidades em que sentiste mais dificuldades? _____

Praticas ou já praticaste alguma atividade desportiva fora da escola? Sim Não

Qual (ais)? _____

Se **não**, indica as razões:

As atividades que me oferecem não são do meu agrado	
No desporto sinto inferioridade perante ou outros	
Não existem infraestruturas perto do local onde vivo	
Não gosto de competir com os outros	

Não tenho condições de saúde e robustez física	
Os estudos ocupam-me todo o tempo disponível	
Não fui habituado a praticar atividade física	
Não vejo utilidade nisso	
Tenho outras atividades nos meus tempos livres	
Outra(s): _____	

És federado nessa modalidade? Sim Não

Tens algum problema de saúde que te impossibilite de praticar Educação Física regularmente?

Não

Sim

Qual? _____

14 – Resposta Pessoal

Indica quais as modalidades/atividades desportivas que gostarias de realizar nas aulas de EF e porquê.

Que importância atribuis à disciplina de Educação Física?

Muito importante	
Importante	
Pouco importante	
Nada importante	

Obrigado pela tua colaboração!

O Professor
